



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



AYRLLA TEIXEIRA ROCHA

UMA ABORDAGEM FONOAUDIOLÓGICA NA CLÍNICA DIÁRIA: elaboração de um instrumento de análise baseado no Português falado no Maranhão

São Luís
2019

AYRLLA TEIXEIRA ROCHA

UMA ABORDAGEM FONOAUDIOLÓGICA NA CLÍNICA DIÁRIA: elaboração de um instrumento de análise baseado no Português falado no Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras (Língua Portuguesa).

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra.

São Luís
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

ROCHA, AYRLLA.

UMA ABORDAGEM FONOAUDIOLÓGICA NA CLÍNICA DIÁRIA: :
Elaboração de um instrumento de análise baseado no
Português falado no Maranhão / AYRLLA ROCHA. - 2019.
80 p.

Orientador(a): JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS,
2019.

1. FONOAUDIOLOGIA. 2. FONOLOGIA CLÍNICA. 3.
LINGUÍSTICA. 4. PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO. 5.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA. I. MENDES BEZERRA, JOSÉ DE RIBAMAR.
II. Título.

AYRLLA TEIXEIRA ROCHA

UMA ABORDAGEM FONOAUDIOLÓGICA NA CLÍNICA DIÁRIA: elaboração de um instrumento de análise baseado no Português falado no Maranhão

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos (Convidada Interna)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Maria José Nelo (Convidada Externa)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Profa. Dra. Cibelle Corrêa Béliche Alves (Suplente)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao professor e Doutor José de Ribamar Mendes Bezerra, mais conhecido como professor Mendes, e sua companheira/esposa professora e Doutora Conceição de Maria de Araujo Ramos, pelo incentivo de sempre. Sem o apoio dessas pessoas, este trabalho estaria fadado ao fracasso. Agradeço também aos pesquisadores do Projeto ALiMA (Karla Karoline, Larissa Porto, Gabriel Castro, Nádia Pereira, Wilma Pereira, Edson Pereira, Camilla Maramaldo) e às professoras e doutoras Cibelle Béliche, Heloísa Curvelo e Georgiana Santos. Agradeço também a professora e doutora Maria José Nelo (UEMA) pelas considerações bastante pontuais sobre o conteúdo, estrutura e organização deste trabalho.

A todos os companheiros de aulas durante as disciplinas obrigatórias e eletivas, em especial a Evaldo Carlos, Graça, Paulo Marques, Elimária Lima, Cláudio Bezerra e Thaís Helena. Nesse rol repito os nomes de Karla Karoline e Camilla Maramaldo; obrigada por fazerem comentários pontuais sobre minha pesquisa.

Aos amigos de trabalho fonoaudiólogos/fonoaudiólogas, que tiveram participação direta e indiretamente, cito Jeanine Bordalo, Tatiana Silva, Tauã Machado, Kamila Amorim, Beatriz Pereira, Flávia Soares, Dayane Sodré, Larissa Magalhães, Iraci Rafaela Castro, Greycy Lauand, Fernanda Simões, Fernanda Jansen, Ianne Melo, Leidiane Lisboa, Vissivan Guedes, Cleyton Amorim, Loide Lis, Jaderson Alcântara, Nayara Assad, Tayane Diniz, Juliana Telles e às minhas queridas estagiárias, Júlia Muniz e Ana Araújo. Obrigada pelo incentivo e principalmente por acreditarem em meu trabalho.

Agradeço também aos amigos que a vida me presenteou, pelo “bom encontro”. Foram muito importantes nessa trajetória, cada um com seu motivo particular, me apoiando e principalmente me incentivando. Obrigada, Hélio Peixoto, Fábio Diniz, Nicson Leitão, Vanderlei da Silva, Raimundo Pereira (Casquinha), Roberto Santos, Ana Gomes, Ellen Mesquita, Gláucia Rose, Conceição (Pati), Marcelo Cortês, Fernanda Dias, Priscila Rates, Simone Bestazine e Carla Guirelho.

Agradeço também a Antonete, mas conhecida por Nete (*in memoriam*), pelo carinho e companheirismo. Obrigada por ter tido o prazer de conviver com você e aprendido o valor da verdadeira amizade.

Por fim, agradeço aos pais dos meus pacientes por confiarem seus filhos em minhas mãos, enquanto fonoaudióloga.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

À minha filha, Maria Valentina, por me ensinar que paciência é palavra de ordem em nossa convivência.

Aos meus pais, Asarias Rocha e Áurea Rocha, por me terem concebido, me educado, pois sem a educação para a formação da minha personalidade e caráter, eu não seria nada, e por nunca desistirem de mim.

Aos meus amados e queridos irmãos de convivência diária: Ayrlon, Ayrton, Adrícylla e Adryano, por sempre me incentivarem e acima de tudo por acreditarem em mim, e aos meus irmãos Eduardo e Cássia, que mesmo distantes sempre cultivaram nossa amizade e principalmente nosso amor.

À minha tia Lucinha, por ser tão especial a ponto de sempre me acompanhar madrugadas a dentro, com suas andanças pela casa, tornando esses momentos um verdadeiro tira-teima.

Aos meus avós (*in memoriam*), Terezinha, Assis e Maria, por terem me ensinado coisas que não se aprende nas universidades ou no meio acadêmico: “ser gente forte; se cair levanta e continua”, dizia meu avô Assis; “sempre ajudar quem mais precisa”, dizia a Vó Maria; e “aprenda a fazer uma coisa para você ganhar um dinheirinho”, dizia a Vó Terezinha. E este trabalho é prova do que vivenciei convivendo com eles.

Às minhas cunhadas Gaby, Naya e Nuala, pelo incentivo e apoio.

Aos meus pacientes pela confiança e credibilidade, que sem eles este trabalho não teria surgido, pois foi esse o ponto de partida, as dúvidas e as incertezas durante a clínica fonoaudiológica.

E, finalmente, aos meus amigos fonoaudiólogos/fonoaudiólogas e linguistas, que são tantos, e à Fonoaudiologia em si, por seus diversos ramos de atuação e através disso me proporcionar muitas descobertas.

“[...] É o ponto de vista que cria o objeto.”

(Ferdinand de Saussure)

RESUMO

Esta dissertação objetiva criar um Instrumento de Análise para avaliar a emissão de fonemas, durante abordagem fonoaudiológica na clínica diária, a partir do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA. Tal estudo foi motivado pelos seguintes questionamentos: os fonoaudiólogos que atuam na prática clínica de linguagem conhecem bem os modelos teórico-metodológicos linguísticos que envolvem modelos fonológicos? Testam a eficácia desses modelos fonológicos e os contrapõem com os dados encontrados na clínica? Realizam pesquisa, estudos de caso e dialogam com a linguística? (HORA e VOGLEY, 2016). Para a realização da pesquisa, conceitualmente correlacionamos a Linguística, à qual compete a metodologia científica da linguagem, com a Fonoaudiologia, que se ocupa da prevenção e do tratamento dos distúrbios da comunicação. Linguisticamente, abordamos a variação linguística e seus conceitos de mudança no tempo aparente e no tempo real. Metodologicamente, analisamos quatro informantes de São Luís - MA, utilizando o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiMA, em questões onde os fonemas /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /ʀ/, /r/, /ʁ/, /ʃ/ aparecem nos contextos fonológicos – início, meio e final da palavra. Ademais, consideramos relevantes, para esta dissertação, os seguintes estudos: Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem (MENEZES, 2004), Perfil das Habilidades Fonológicas (CARVALHO, ALVAREZ e CAETANO, 1998), Teste de Linguagem Infantil (ANDRADE *et al.*, 2004), Avaliação Fonológica da Criança (YAVAS, HERNANDORENA e LAMPRECHT, 1991) e Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil (SANTOS *et al.*, 2009). Com os resultados alcançados, obtivemos o percentual total dos fonemas por informante; o número de palavras no contexto fonológico; o percentual de ocorrência dos fonemas; o percentual dos fenômenos linguísticos por faixa etária e o percentual de ocorrência dos fonemas por sexo. Com base nos fonemas /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /ʀ/, /r/, /ʁ/, /ʃ/ propusemos o Instrumento de Análise, considerando os contextos fonológicos – início, meio e final da palavra – para cada fonema citado, tomando como base o QFF- ALiMA.

Palavras-chave: Linguística. Fonoaudiologia. Fonologia Clínica. Variação Linguística. Português falado no Maranhão.

ABSTRACT

This dissertation aims to create an Analysis Instrument to evaluate the phonemes emission, during speech therapy approach in daily clinic, from the corpus of the Linguistic Atlas Project of Maranhão - ALiMA. This study was motivated by the following questions: do speech therapists working in clinical language practice know well the linguistic theoretical-methodological models that involve phonological models? Do they test the effectiveness of these phonological models and contrast them with the data found in the clinic? Do they conduct research, case studies and dialogue with linguistics? (HORA and VOGLEY, 2016). To carry out the research, we conceptually correlate Linguistics, which is responsible for the scientific methodology of language, with Speech Therapy, which deals with the prevention and treatment of communication disorders. Linguistically, we approach linguistic variation and its concepts of change in apparent time and real time. Methodologically, we analyzed four informants from São Luís - MA, using the ALiMA Phonetic-Phonological Questionnaire (QFF), in questions where the phonemes /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /R/, /r/, /ʎ/, /j/ appear in phonological contexts - beginning, middle and end of word. In addition, we consider relevant for this dissertation the following studies: Language Development Assessment (MENEZES, 2004), Phonological Skills Profile (CARVALHO, ALVAREZ and CAETANO, 1998), Infant Language Test (ANDRADE et al., 2004), Child Phonological Assessment (YAVAS, HERNANDORENA and LAMPRECHT, 1991) and Child Phonological Assessment Protocol (SANTOS et al., 2009). With the results achieved, we obtained the total percentage of phonemes per informant; the number of words in the phonological context; the percentage of phoneme occurrence; the percentage of linguistic phenomena by age group and the percentage of phoneme occurrence by gender. Based on the phonemes /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /R/, /r/, /ʎ/, /j/ we proposed the Instrument of Analysis, considering the phonological contexts - beginning, middle and end of the word - for each phoneme quoted, based on the QFF-ALiMA.

Keywords: Linguistics. Speech therapy. Clinical phonology. Linguistic Variation. Portuguese spoken in Maranhão.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Recorte do quadro proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991).	25
Tabela 2 - Recorte do quadro proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991).	25
Tabela 3 - Demonstração do quadro de fonemas deste trabalho.....	25
Tabela 4 - Fases de desenvolvimento linguístico da criança.	27
Tabela 5 - Demonstrativo do som e a idade em meses de aquisição.	28
Tabela 6 - Rede de Pontos do Projeto ALiMA.....	40
Tabela 7 - Perfil dos informantes da pesquisa.	42
Tabela 8 - Fonema /t/.	43
Tabela 9 - Fonema /d/.	43
Tabela 10 - Fonema /tʃ/.	44
Tabela 11 - Fonema /dʒ/.	44
Tabela 12 - Fonema /ʀ/.	44
Tabela 13 - Fonema /r/.	45
Tabela 14 - Fonema /ʁ/.	45
Tabela 15 - Fonema /ʃ/.	45
Tabela 16 - Informante MA 1.1.	46
Tabela 17 - Informante MA 1.2.	47
Tabela 18 - Informante MA 1.3.	49
Tabela 19 - Informante MA 1.4.	51
Tabela 20 - Lista de palavras do Instrumento de Análise.....	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual total dos informantes por fonemas.....	53
Gráfico 2 - Número de palavras nos contextos fonológicos.....	54
Gráfico 3 - Percentual de ocorrência dos fonemas.....	55
Gráfico 4 - Percentual de ocorrência dos fonemas por faixa etária.	56
Gráfico 5 - Percentual de ocorrência dos fonemas por sexo.	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 A INTERSEÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA E A FONOAUDIOLOGIA	14
2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES DA LINGUÍSTICA E DA FONOAUDIOLOGIA.....	14
2.2 FONÉTICA.....	18
2.3 FONOLOGIA.....	20
2.3.1 Fonologia Clínica	22
3 LINGUISTICA, FONOAUDIOLOGIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	27
3.1 OS ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	27
3.2 A INFLUÊNCIA DA DINÂMICA FAMILIAR DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	30
3.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	31
4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	33
4.1 MUDANÇA NO TEMPO APARENTE E MUDANÇA NO TEMPO REAL	34
5 METODOLOGIA.....	38
5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	38
5.1.1 São Luís: <i>locus</i> da pesquisa	39
5.1.2 Procedimentos metodológicos	39
5.1.3 COLETA DE DADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MA.....	46
6 DISCUSSÃO.....	53
6.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	53
6.2 SUGESTÃO PARA O INSTRUMENTO DE ANÁLISE BASEADO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	68
ANEXO	74

INTRODUÇÃO

As relações da Linguística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimentos à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum. Em todo caso, a confusão entre as duas disciplinas se torna impossível: o essencial da língua, como veremos, é estranho ao caráter fônico do signo linguístico. (SAUSSURE, [2012], p. 14).

A presente dissertação teve início frente às dificuldades em se diferenciar a variação linguística do desvio fonológico, em particular, na clínica fonoaudiológica (processos terapêuticos). Como profissional de fonoaudiologia, com atuação em consultórios e clínicas do setor privado de São Luís - Maranhão, deparo-me constantemente com queixas relacionadas à pronúncia das palavras. Porém, partindo de estudos na área da Linguística, entendo que não se pode classificar nenhuma patologia do paciente que a fonoaudiologia trata sem considerar a noção básica de variante linguística utilizadas pelo falante/paciente.

Partindo desse entendimento, faço os seguintes questionamentos:

- 1) Levando em consideração os pressupostos da Linguística, existe, para os fonoaudiólogos, um limite entre o patológico e a variação linguística?
- 2) A fala do maranhense apresenta alguma alteração relevante que possa servir de estudos nas áreas da Fonoaudiologia e da Linguística?
- 3) Os fonoaudiólogos que atuam no Estado do Maranhão têm consciência, no momento da avaliação de linguagem sobre a diversidade fonético-fonológica do Português falado no Brasil e principalmente do Português falado na região de origem do seu paciente?
- 4) O que a fala do maranhense representa nesse cenário fonético-fonológico?
- 5) Podemos afirmar que a fala do maranhense serve de aporte metodológico para uma pesquisa fonético-fonológica?

Complementando esses questionamentos, Hora e Vogeley (2016), sobre Linguística e Fonoaudiologia, pontuam:

- a) Os fonoaudiólogos conhecem os modelos metodológicos atuais desenvolvidos pelos linguistas?

b) Os fonoaudiólogos que atuam na prática clínica de linguagem conhecem bem os modelos teóricos-metodológicos-linguísticos, nos quais os modelos fonológicos estão envolvidos?

c) Os fonoaudiólogos testam a eficácia desses modelos e os contrapõem com os dados encontrados na clínica?

d) Os fonoaudiólogos realizam pesquisa, estudos de caso, dialogam com a linguística?

É importante salientar que, em um levantamento inicial, realizado por meio de consulta ao banco de teses e dissertações da CAPES e a plataformas como *Scielo*, *Lilacs*, *Bireme* e *Pubmed*, foram encontrados cerca de 140 trabalhos referentes à avaliação de linguagem/transtornos da linguagem. Destes, 100 optaram pelo uso de testes e protocolos específicos, 19 propuseram que as avaliações da linguagem deveriam ser feitas por meio da interação entre sujeito e terapeuta, 13 sugeriram uma combinação entre testes e diálogo aberto e 8 fizeram um apanhado da significação familiar no contexto da aquisição de linguagem.

Vale ressaltar que a grande maioria dos trabalhos segue o viés mais tradicional da Fonoaudiologia, optando por uma perspectiva que descreve desvios por meio da aplicação de médias entre erro e acerto. Pouquíssimas são as pesquisas que observam a variedade linguística do português brasileiro, apontando para a necessidade da valorização deste aspecto no processo terapêutico.

Assim, observo a relevância do estudo ora apresentado, já que, mesmo existindo trabalhos sobre a fonoaudiologia clínica, poucos levam em conta a variação linguística tão presente no português brasileiro, o que se comprova com a pequena produção de estudos realizados nesse âmbito, com enfoque no português falado no Maranhão.

Tomando como base o *corpus* do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, que descreve o Português falado no Estado do Maranhão, especificamente no âmbito fonético-fonológico, esta dissertação busca elaborar um instrumento de análise de emissão dos fonemas baseados no Português falado no Maranhão para utilização durante a abordagem fonoaudiológica na clínica diária.

É importante salientar que ao utilizarmos protocolos de aquisição de linguagem de outras regiões, tais como: ADL: Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem (MENEZES, 2004), PHF: Perfil das Habilidades Fonológicas (CARVALHO, ALVAREZ e CAETANO, 1998), ABFW: Teste de Linguagem Infantil (ANDRADE,

BEFFI-LOPES, FERNANDES e WERTZNER, 2004), AFC: Avaliação Fonológica da Criança (YAVAS, HERNANDORENA e LAMPRECHT, 1991) e PAFI: Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil (SANTOS *et al.*, 2009), tendemos a considerar que muitas crianças podem ter um desvio de fala, quando na verdade são apenas falantes de outra variedade do Português Brasileiro. Portanto, a compreensão de que nosso falar regional se diferencia e interfere na aquisição da linguagem motivou a criação do instrumento, objeto desta pesquisa, que, por sua vez, poderá contribuir significativamente, de modo que os fonoaudiólogos e outros profissionais interessados no assunto possam diferenciar variação linguística de desvios fonéticos e fonológicos, colaborando para a diminuição de comportamentos preconceituosos frente à realização da fala da população que utiliza a língua não-padrão na oralidade. Além disso, este estudo poderá auxiliar os profissionais da área da Fonoaudiologia na prescrição de tratamentos mais eficientes, uma vez que lhes oferecerá um conhecimento mais detalhado da língua oral em uso no Maranhão, facilitando, pois, a identificação do que realmente é um desvio de uma variante linguística.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é criar um instrumento de análise de emissão dos fonemas consonantais durante a abordagem fonoaudiológica na clínica diária, considerando a variedade linguística do Português falado no Maranhão. Os objetivos específicos são: (i) buscar quais são os fenômenos fonético-fonológicos presentes no Questionário Fonético-Fonológico do ALiMA (Atlas Linguístico do Maranhão), para subsidiar a criação de um instrumento de análise de emissão dos fonemas durante a abordagem fonoaudiológica na clínica diária; (ii) identificar as variantes presentes na fala do maranhense, tendo como base as transcrições das questões pertencentes ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiMA, a serem utilizadas no instrumento de análise para emissão dos fonemas durante a abordagem fonoaudiológica na clínica diária; (iii) propor com base nos dados coletados e analisados a organização e categorização dos itens no instrumento de análise de fonemas consonantais para o qual a dissertação se destina.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, sendo este o primeiro. O segundo capítulo enfoca as relações entre a Linguística e a Fonoaudiologia, discute sobre fonética e fonologia e, dentro do tópico fonologia, aborda o tema fonologia clínica. O terceiro capítulo traz as etapas de desenvolvimento da linguagem, a influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem e os chamados processos fonológicos. O quarto capítulo aborda assuntos pertinentes a variação

linguística, mudança no tempo aparente e mudança no tempo real. O quinto capítulo trata da metodologia (procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e coleta de dados). O sexto capítulo traz a análise dos resultados da pesquisa realizada no município de São Luís, capital do Estado do Maranhão, bem como o Instrumento de Análise, baseado no Português falado no Maranhão. Por fim, o sétimo capítulo aborda as considerações finais do estudo realizado e levanta questionamentos e propostas para outras pesquisas relacionadas ao assunto.

2 A INTERSEÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA E A FONOAUDIOLOGIA

[...] Os esforços de pesquisa nas disciplinas formais e aplicadas da linguística, o que inclui a fonoaudiologia, podem contribuir para o avanço em intervenções de sucesso para os casos em que há dificuldade na aquisição e/ou uso de linguagem. (HORA e VOGELY, 2016, p. 16).

2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES DA LINGUÍSTICA E DA FONOAUDIOLOGIA

Linguistas e fonoaudiólogos têm dedicado interesse ao estudo de aquisição fonológica, não apenas no sentido de escrever as etapas e a gradação prevista nesse percurso, mas, também, de revisar, implementar e desenvolver novas teorias que acomodem os achados. De um lado, então, temos os linguistas criando modelos fonológicos que elucidam como o sistema de sons da língua se estrutura e funciona e como é adquirido e organizado e esses modelos precisam acomodar bem os dados, também, de aquisição desviante, ou seja, precisam explicar o que acontece nos casos dos desvios fonológicos. Por outro lado, temos os fonoaudiólogos avaliando, diagnosticando e tratando esses casos desviantes [...] (HORA e VOGELY, 2016, p. 17).

Existe uma relação muito estreita entre os pressupostos da Linguística e da Fonoaudiologia, entretanto, ambas abordam a linguagem sob vieses diferentes, mas que se complementam. A Fonoaudiologia se ocupa da prevenção e do tratamento dos distúrbios da comunicação, já à Linguística compete a metodologia científica da linguagem. É nesse encontro de ideias e saberes que se articulam estratégias de como colocar em prática a interseção entre as duas áreas.

Historicamente, o início do trabalho fonoaudiológico foi influenciado pela preocupação da medicina e da educação com a profilaxia e a correção de erros de linguagem apresentados por crianças em idade escolar¹.

¹ Data da década de 30 a idealização da profissão de Fonoaudiólogo, oriunda da preocupação da medicina e da educação com a profilaxia e a correção de erros de linguagem apresentados pelos escolares.

Na década de 60, deu-se início ao ensino da Fonoaudiologia no Brasil, com a criação dos cursos da Universidade de São Paulo (1961), vinculado à Clínica de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1962), ligado ao Instituto de Psicologia. Ambos estavam voltados à graduação de tecnólogos em Fonoaudiologia, sendo que o primeiro currículo mínimo, fixando as disciplinas e a carga horária destes cursos, foi regulamentado pela Resolução nº 54/76, do Conselho Federal de Educação.

Nos anos 70, tiveram início os movimentos pelo reconhecimento dos cursos e da profissão. Foram criados, então, os cursos em nível de bacharelado, e o curso da Universidade de São Paulo foi o primeiro a ter seu funcionamento autorizado, em 1977.

Sancionada em 09 de dezembro de 1981, pelo então presidente João Figueiredo, a Lei nº 6965, que regulamentou a profissão de Fonoaudiólogo, veio ao encontro dos sonhos de uma categoria profissional, que ansiava ser reconhecida. Além de determinar a competência do Fonoaudiólogo, com a Lei, foram criados os Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia, tendo como principal finalidade a fiscalização do exercício profissional.

Assim, a Fonoaudiologia estabeleceu parcerias com disciplinas como a Linguística e a Psicanálise. Consequentemente, as diferenças – decorrentes das filiações envolvidas no entendimento do que seja a clínica fonoaudiológica – influenciaram no modo de atuação do terapeuta. Não há, pois, consenso sobre quais seriam as instâncias que compõem a clínica e o mesmo ocorre em relação aos procedimentos de avaliação de linguagem.

O Conselho Regional de Fonoaudiologia, 2ª Região (2016), define o fonoaudiólogo como:

[...] um profissional de Saúde, com graduação plena em Fonoaudiologia, que atua de forma autônoma e independente nos setores público e privado. É responsável pela promoção da saúde, prevenção, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação e reabilitação) [...]
O fonoaudiólogo atua em unidades básicas de saúde, ambulatórios de especialidades, hospitais e maternidades, consultórios, clínicas, *home care*, domicílios, asilos e casas de saúde, creches e berçários, escolas regulares e especiais, instituições de ensino superior, empresas, veículos de comunicação (rádio, TV e teatro) e associações.(CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2ª REGIÃO, 2016).

Portanto, o fonoaudiólogo trabalha com os diferentes aspectos da comunicação humana, avaliando, diagnosticando e reabilitando, do recém-nascido ao idoso.

Freire (2000, p. 629), por sua vez, assevera:

[...] [A Fonoaudiologia] é deslocada para um campo de conhecimentos e descaracterizada pela interdisciplinaridade que lhe é atribuída, quando os impasses teóricos a obrigam a uma redefinição de sua relação com outras disciplinas. Um novo olhar se instaura e agora é o fonoaudiólogo que convoca as outras disciplinas a dizer o que tem a oferecer ao seu olhar. Efeitos desse diálogo podem ser observados na incorporação que o fonoaudiólogo faz desse conhecimento ao seu discurso e na reinterpretação operada a partir do deslocamento desses conhecimentos para um outro campo do saber [...] (FREIRE, 2000, p. 629).

As atividades do Conselho Federal de Fonoaudiologia tiveram início em 1983. Em 15/09/84, pela Resolução CFFa nº 010/84, foi aprovado o primeiro Código de Ética da profissão, que elencava os direitos, deveres e responsabilidades do Fonoaudiólogo, inerentes às diversas relações estabelecidas em função de sua atividade profissional.

O crescimento da profissão, a ampliação do mercado de trabalho do Fonoaudiólogo e uma maior conscientização da categoria têm levado os Conselhos de Fonoaudiologia à revisão de toda a sua Legislação. O primeiro fruto deste esforço conjunto foi a elaboração de um Código de Ética novo. Aprovados em 17/12/95. O próximo passo será a revisão da Lei nº 6965, que está completando 32 anos. (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2019)

A Fonoaudiologia tem, então, como objeto de estudo a linguagem, observada em seu funcionamento e em sua materialidade, focando-se, principalmente, em sua instância patológica:

O fonoaudiólogo é o profissional que pode avaliar se um novo modelo teórico é capaz de explicar o que ocorre num sistema com desvio e se é capaz de acrescentar algo novo, seja no entendimento da patologia ou da desordem, seja no fornecimento de subsídios para avaliação e para a terapia fonoaudiológica. (HORA e VOGLEY, 2016, p. 23)

Em outros termos, existe uma interface entre essa área de saúde e a Linguística, uma vez que ambas estudam a linguagem humana. A esse respeito, Mollica (2009, p. 31) afirma que:

A Linguística pesquisa os aspectos próprios da fala e da escrita que oferecem interesse especial a áreas distintas voltadas para a linguagem. Os referentes à fala dizem respeito ao processamento oral espontâneo das línguas; por tratar-se de discurso não planejado, em geral, apresenta a existência de pausas, hesitações, gaguejos, repetições, estruturas interrompidas etc. Tais fenômenos são via de regra imperceptíveis aos não especialistas. No entanto, a Linguística considera esses fenômenos não só naturais e exclusivos à modalidade falada das línguas, como também motivados por razões vinculadas ao grau de funcionalidade que possam imprimir na comunicação. Suas causas podem ligar-se desde a questões de facilitação e ênfase no processamento de enunciados até as que abordam razões estilístico-interacionais referentes às relações face a face. Assim, nem sempre hesitação e gaguejo revelam distúrbios linguísticos ou simplesmente pouca fluência. Com propósitos definidos, os falantes repetem e interrompem estruturas, emprestando maior comunicabilidade ao discurso. O conhecimento desses fatos apresenta-se cada vez mais crucial para os profissionais da linguagem, de modo que sejam evitadas confusões entre os problemas de aprendizagem e os realmente patológicos. (MOLLICA, 2009, p. 31)

De acordo com Cunha (1997, *apud* Vogeley; Colares, 2005), muitas vezes as atividades de avaliação da linguagem na clínica fonoaudiológica são tarefas linguísticas “descontextualizadas e predominantemente metalinguísticas, nas quais as dificuldades são privilegiadas como instância de análise em parâmetros descritivos”. Diante disso, se não houver o conhecimento das variedades linguísticas do português falado no Brasil, o fonoaudiólogo pode vir a considerar *desvio* o que na verdade é uma variante não-padrão da língua portuguesa.

Por isso, faz-se necessário o empoderamento teórico e o bom senso na aplicação de teorias de linguistas na terapia fonoaudiológica. São as teorias linguísticas que oferecem modelos de representação que auxiliam na escolha e na seleção dos segmentos e das palavras devidamente balanceadas,

incorporando, por exemplo, alguns segmentos como recursos facilitadores, enquanto gatilhos nas produções de outros segmentos. (HORA e VOGLEY, 2016, p. 23)

Verificamos, por meio de uma análise preliminar, que os estudos na área da Fonoaudiologia utilizam, de fato, muito dos estudos linguísticos. Entretanto, é importante frisar que, mesmo diante de todos os avanços dos estudos da linguagem nas últimas décadas, a Fonoaudiologia ainda se baseia, basicamente, nos teóricos estruturalistas e gerativistas da linguagem. Em outras palavras, boa parte dos estudos dessa área não acompanhou, realmente, os avanços dos estudos linguísticos, ficando estes estacionados na década de 1970.

Sobre a Linguística, Cunha, Costa e Martellota (2008, p. 21) apontam que esta estuda

[...] a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (gestual, no caso da língua dos sinais). Seu objetivo final é depreender os princípios fundamentais que regem essa capacidade exclusivamente humana de expressão por meio de línguas.

Destarte, podemos afirmar que existe uma relação entre as duas áreas ora abordadas, já que para o desenvolvimento e aplicação de seus procedimentos terapêuticos, a Fonoaudiologia toma como base as seguintes teorias linguísticas, como afirma Souza (2000, p 13):

[...] a Psicolinguística, que estuda o funcionamento da linguagem humana, ou seja, o estudo da linguagem e da mente; a Neurolinguística que se propõe ao estudo do patológico da linguagem em determinadas áreas cerebrais (...) a Sociolinguística, quando estuda a língua como meio de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos de uma mesma espécie.

Seara et al (2015, p. 33) observam que “[...] o fonoaudiólogo lida com alterações no processo de aquisição da fonologia da língua, assim como alterações fonológicas decorrentes de problemas neurológicos e auditivos [...]”.

Em suma, as bases da ciência linguística servem de pressuposto para este trabalho, principalmente por tratar de assuntos que se entrelaçam entre a fonética e a fonologia. A seguir, acompanharemos o modo como esse entrelaçamento acontecerá.

2.2 FONÉTICA

Cagliari (2012, p. 65-66) divide a fonética em cinco partes:

Levando em conta seus objetivos e metodologias de trabalho. As três primeiras têm a ver com seus objetos de estudos e são: 1) a fonética articulatória, que descreve a produção da fala; 2) a fonética auditiva, que descreve a percepção dos sons da fala; 3) a fonética acústica, que descreve as características acústicas dos sons da fala. As duas outras partes da fonética se definem pelas metodologias de trabalho. Ambas se servem dos conhecimentos das três anteriores: 4) a primeira trata da aplicação da fonética nas ciências da comunicação, via engenharia; 5) a segunda trata dos problemas de fala defeituosa, dentro da área da foniatria e da fonoaudiologia.

O pesquisador salienta, ainda, que a fala é produzida por aquilo que se convencionou chamar erroneamente de “aparelho fonador”. Tal equívoco ocorre porque não há órgãos única e exclusivamente destinados à produção do som. Existe, sim, uma anatomia integrada para essa finalidade – parte da fonética que estuda os problemas de fala.

Nesse sentido, é possível observarmos que:

Os conhecimentos de fonética linguística são também imprescindíveis para o tratamento de fala defeituosa, em primeiro lugar, para não se confundir fala defeituosa com variação linguística e, em segundo lugar, para se fazer um diagnóstico correto e procurar soluções com tratamentos adequados. Trabalhos de fonoaudiologia têm privilegiado análises acústicas da fala, mas não podem deixar de lado as análises articulatórias e auditivas dentro de uma visão linguística do fenômeno. (CAGLIARI, 2012, p. 70).

Seara (2015, p. 16), acerca da *fonética articulatória*, diz que algumas tarefas são: 1) observar se, durante a produção de um som, houve ou não vibração das pregas vocais, definindo se ele foi realizado como sonoro ou surdo, e 2) descrever o movimento de língua dentro do trato vocal e o movimento dos demais órgãos responsáveis pela produção do som.

Ainda em relação à fonética articulatória, em especial no tocante aos problemas de fala, observamos que o ser humano não tem um conjunto de órgãos que seja exclusivamente para a fonação. Assim, o aparelho fonador é constituído pelos *sistemas respiratório, fonatório e articulatório*.

Depreendemos, assim, de acordo com Cagliari (2012, p. 71), que a fonética estuda os sons do ponto de vista físico. Lucena e Pedrosa (2107), por seu turno, acrescentam:

[...] oposições propostas por Saussure entre *langue* (língua) e *parole* (fala) e entre sintagma e paradigma. De fato, os fonólogos do Círculo Linguístico de Praga aplicaram parte da teoria saussuriana no desenvolvimento do conceito de fonema. Na visão desses teóricos, os sons da fala pertenceriam ao domínio da *parole*, enquanto que o fonema estaria ligado à *langue*. A partir desse raciocínio, começa-se a se desenhar uma forte diferenciação entre o estudo *fonético* e o *fonológico*, já que aquele estaria no âmbito da fala e este, da língua. (PEDROSA e LUCENA, 2017, p. 19)

Por outro lado, Hora e Vogeleley (2016) ensinam:

Se a fonética possibilita o estudo dos sons em si mesmos, sem estabelecer relação necessária ou explícita com sua função nos sistemas fonológicos das línguas particulares, a fonologia, compreendida como um dos níveis de estudo das línguas naturais, busca interpretar o funcionamento do sistema sonoro de uma língua. A fonologia parte da informação concreta dos sons da fala e faz uso do conhecimento sistematizado pela fonética (acústica, articulatória e auditiva), a fim de desvendar a ordenação abstrata da gramática dos sons das línguas individuais. (HORA e VOGEELEY, 2016, p. 26).

Como as línguas variam, por que evoluem? Perguntas como essa são tão antigas quanto a linguística, e algumas respostas levaram a ciência a evoluir notadamente, particularmente pelo viés das leis fonéticas, como destaca Calvet (2002).

Os sons de uma língua refletem o conhecimento fonético de seus falantes, fruto de sua experiência no mundo. Em toda a sociedade encontram-se grupos de distintas dimensões (numérica e/ou política) que podem diferenciar linguisticamente entre si. Suas diferenças têm por fatores de ordem socioeconômica, cultural, geográfica, biológica, entre outros. O fato de um grupo se diferenciar linguisticamente de outro, através de seus dialetos, demonstra o papel altamente relevante da língua como constituidor e definidor de identidades. E disso resultam duas características naturais a uma língua: variabilidade e dinamicidade. Essa condição pode ser observada em seus diferentes níveis. Em nível fonético/fonológica, as realizações sonoras e os padrões suprasegmentais podem ser indicadores de características dialetais, sendo esses subsistemas que operam no interior de uma dada língua. (HORA e VOGEELEY, 2016, p. 26-27)

Contudo, apontamos para fins de melhor compreensão o ponto e o modo de articulação dos fonemas em análise nesta pesquisa e os respectivos exemplos retirados do *corpus* do ALiMA. As transcrições foram realizadas com base no quadro fonético adotado no ALiMA (ver Anexo 1).

1. /t/ – oclusiva, oral, dental e surda - exemplo retirado do *corpus* (informante MA.1.1, questão 4); primeiro som da palavra televisão /televi'zẽw/;

2. /d/ – oclusiva, oral, dental e sonora – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.2, questão 64); primeiro som da palavra deiz /deiz/ ;
3. /tʃ/ – africada, oral, palatal e surda – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.3, questão 131), primeiro som da palavra tio /tʃiu/;
4. /dʒ/ – africada, oral, palatal e sonora – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.4, questão 56), primeiro som da palavra dia /dʒiv/;
5. /ʀ/ – fricativa, oral, uvular e sonora – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.1, questão 062), terceiro som da palavra tarde /taɾdʒi/;
6. /ɾ/ – vibrante, oral, alveolar e sonora – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.2, questão 119), terceiro som da palavra coração /kora'sãw/;
7. /ʎ/ – lateral, oral (média) palatal e sonora – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.3, questão 44), quarto som da palavra abelha /a'beʎv/;
8. /ʃ/ – fricativa, oral, palato-alveolar e surda – exemplo retirado do *corpus* (informante MA 1.4, questão 50), quarto som da palavra peixe /peʃi/.

Para Hora e Vogeley (2016), essa condição natural do ser humano de se comunicar através de uma fala articulatória é multifatorial. Ainda segundo os autores, tal condição envolve atributos não encontrados em outras espécies, como: o conhecimento linguístico abstrato compartilhado socialmente, um aparato cognitivo versátil, uma capacidade de armazenamento de informação codificada, traduzível, entre outras especificidades biológicas, psicossociais e afetivas.

Assim, consideramos que o conhecimento dos pressupostos da Fonética é imprescindível para o trabalho do fonoaudiólogo.

2.3 FONOLOGIA

Issler (1983, p. 55), em seus estudos, faz referência à fonologia e diz que seu interesse está centrado naquilo que distingue fonemas, levando-os a identificar as significações dos vocábulos. Já Cagliari (2012) afirma que a fonologia estuda os sons da linguagem oral para definir suas funções no sistema da língua.

Os estudos fonológicos se fixam em dois modelos teóricos: o estruturalista e o gerativista. A esse respeito, Cagliari (2012, p. 71) diz: “Na história da Linguística

moderna, a fonologia foi uma das áreas que mais se desenvolveu e que passou por mais metodologias diferentes”.

Na visão estruturalista, o linguista Ferdinand de Saussure, por meio de seus estudos, diferenciou língua de fala. A partir de então, as investigações do componente sonoro foram feitas tendo como base a unidade mínima de análise fonêmica: o fonema. Este, vale asseverar, era considerado não somente a unidade mínima de análise, mas também uma unidade que permitia a segmentação do contínuo da fala.

Alguns autores da Escola de Praga, como Trubetzkoy e Roman Jakobson, propuseram que a fonética deveria ser estudada separada da fonologia. Pesquisas anteriores ao Círculo de Praga intentaram estudos sobre os sons da língua, levando em consideração tanto a Física quanto a Fisiologia, mostrando os sons da língua como elementos constitutivos das palavras e com funções gramaticais bastante claras, separando, assim, Fonética de Fonologia. Assim, esses autores prepararam os moldes do que hoje se conhece na Fonologia.

Para Borba (1970, p. 186), “compete à fonologia identificar os fonemas, determinar os traços pertinentes, as oposições e correlações e seus tipos”. Nesse sentido, entende-se os fonemas como entidades abstratas e funcionais, que partem das realizações concretas da fala para chegar ao sistema fonológico da língua. Daí a razão pela qual se diz que a fonética é básica para a fonologia.

Além disso, o objetivo da análise fonológica é definir quais sons têm valor distintivo (cf. CAGLIARI, 2002). A Fonologia se vale do fonema, unidade sem significado, mas com função distintiva, que por sua vez determina a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. Um exemplo de como se faz e estuda a fonologia está em Seara *et al.* (2015, p. 93):

[...] vemos nas possibilidades de produção da palavra ‘paz’ que pode ser pronunciada como: [‘pas], [‘paʃ], [‘paz], [‘paʒ], conforme o dialeto e o ambiente onde essa palavra ocorre. Saber por que algumas diferenças sonoras às vezes diferenciam palavras e às vezes se anulam é uma das principais linhas de investigação da Fonologia.

Outros autores do Estruturalismo estudaram os sons da fala:

[...] Jakobson procurou orientar e classificar as unidades sonoras da língua pela combinação de uma descrição que leve em conta a função dos sons significativos com uma especificação fonética precisa. Roman Jakobson, Gunnar Fant e Morris Halle, começam a tratar oposições fonológicas a partir de traços que apõem os segmentos e que são descritos com base em

propriedades acústico-perceptuais. Com isso os fonemas não são mais vistos como as menores unidades de análise linguísticas, e o primitivo de análise passa a ser então os traços fonéticos. [...] Paralelo ao Círculo de Praga, surge nos Estados Unidos a fonêmica com Edward Sapir e Leonard Bloomfield, aqui no Brasil foi Câmara Jr., o maior expoente, “Fonêmica” para ser usado quando se trata de uma teoria geral fonêmica ou para o levantamento dos fonemas de uma língua. (SEABRA *et al.*, 2015, p. 96).

2.3.1 Fonologia Clínica

Para Hora e Vogeley (2016), a fonoaudiologia tem sua clínica norteada pelas teorias e metodologias desenvolvidas pelos linguistas, embora isso não faça da linguística a ciência teórica da fonoaudiologia.

Algumas crianças não adquirem espontaneamente o sistema fonológico na sequência e faixa-etária comum da maioria das crianças, o que é denominado desvio fonológico. A aquisição fonológica considerada típica (normal) ocorre quando a criança estabelece um sistema fonológico condizente com o alvo-adulto, ou seja, semelhante à fala do grupo social em que está inserida. Esse processo ocorre, no português brasileiro, entre o nascimento e aproximadamente a idade de 5 anos, de forma gradual, não-linear e respeitando as diferenças individuais de cada infante (LAMPRECHT, 1993; MOTA, 2001).

Ademais, é relevante destacar que a aquisição de uma língua implica o domínio de duas capacidades: a fonética – referente à realização dos sons – e a fonológica – referente ao emprego dos sons com valor contrastivo. Tendo em vista que o sistema fonológico de uma língua é o conjunto de seus fonemas, a criança, para adquirir uma língua, tem de dominar o inventário fonético e o sistema fonológico considerados como padrão, isto é, a norma encontrada na média do falante de sua comunidade linguística. Portanto, é o fato de compartilhar o mesmo inventário fonético, assim como o sistema fonológico, que permite a comunicação linguística. Assim, um desvio linguístico é identificado quando há deficiência de natureza fonética e/ou fonológica.

Para Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991, p. 10),

[...] Muitas crianças com defeitos orgânicos apresentam deficiências de fala em decorrência de problemas articulatórios (causados por palato fendido, danos cerebrais e outros), porém mesmo nesses grupos podem ser observados desvios fonológicos ao lado daqueles de natureza articulatória (fonética).

Esses desvios não são vistos como listas aleatórias de sons “errados” mas de sons que se organizam sistematicamente. Em suma: desvio não significa um sistema sem ordem, mas simplesmente um sistema cujos padrões não são idênticos à norma. Desnecessário dizer que a informação sobre os padrões da fala com desvios é crucial para um diagnóstico exato, o qual, por sua vez, constitui a base de uma terapia eficiente.

Um desvio é do tipo fonológico quando o sistema de contraste do falante falha na correspondência com o adulto normal, isto é, o padrão da comunidade linguística. Não há dúvidas de que um desvio de base biológica pode causar modificações no sistema fonológico, mas também há desvios fonológicos sem qualquer etiologia aparente. É esse tipo de problema que recebe o nome de “desvio fonológico evolutivo” e essa classificação é baseada em Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Porém, há autores como Oliveira e Oliveira (2004) e Mota (1990, 1998, 1996) que o classificam como “desvio fonológico”².

Quando o indivíduo apresenta uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala, busca uma forma alternativa idêntica em todos os outros sentidos. Essa estratégia denomina-se *processo fonológico*, como dizem Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991, p. 91-92):

Diz-se que os processos fonológicos são naturais e inatos. [...] naturais porque derivam das necessidades e dificuldades articulatórias e perceptuais do ser humano; resultam em adaptações dos padrões da fala às restrições naturais da capacidade humana, tanto em termos de produção como de percepção. São inatos porque são limitações com as quais a criança nasce e que ela tem que superar na medida em que não façam parte do sistema da sua língua materna. [...] esses processos têm que ser superados, revisados ou limitados pela criança à medida que ela entra em contato com sua língua materna – ou com outras línguas que aprender – e se depara com sons, estruturas e contrastes menos simples e naturais.

Outro apontamento feito por esses autores quanto aos processos relatados é que estes acontecem com crianças na fase de aquisição da linguagem, mas os processos comumente encontrados em crianças com desvios fonológicos são: nasalização de líquida; africção; desafricção; plosivização de líquida; semivocalização de nasal.

O desvio fonológico é apresentado pela criança no período de aquisição dos fonemas e durante o desenvolvimento da linguagem, não sendo encontrada para ele

² Para efeito desta dissertação, consideramos esses termos como semelhantes e, por essa razão, a denominação de um ou outro está relacionada somente com os autores que os conceituaram, visto que a ideia e o conceito do fenômeno continuarão os mesmos.

nenhuma etiologia orgânica ou problemas de articulação, mas sim de organização do sistema fonológico (Oliveira e Oliveira, 2004; Mota, 1998).

Observamos, assim, que a criança com desvio fonológico evolutivo – embora sem problema orgânico detectável – é caracterizada por apresentar um inventário fonético incompleto em relação ao padrão da sua comunidade linguística. Destarte, no momento em que são detectadas deficiências fonéticas e fonológicas, a terapia tem de auxiliar a criança a construir os sons usados na língua e, para resolver o problema fonológico, trabalhar a organização dos fonemas, os quais estabelecem o sistema de unidades contrastivas na língua.

Mota (1990) assevera que fonoaudiólogos veem as desordens da fala por uma visão articulatória, mecânica, enfatizando as dificuldades na produção dos sons isolados, desconsiderando a sistematicidade dos sons da fala. Também afirma que o desvio fonológico é caracterizado por alterações que ocorrem na fala da criança, quando esta realiza uma produção inadequada dos fonemas, bem como quando usa de maneira equivocada regras fonológicas da língua (MOTA, 1996).

Esse transtorno linguístico é representado por crianças que apresentam alterações na produção da fala, quando da ausência de determinados fatores etiológicos, como: dificuldade geral de aprendizagem, déficit intelectual, desordem neuromotora, distúrbios psiquiátricos, problemas otológicos ou fatores ambientais.

Para Hora e Vogeley (2016), o papel dos fonoaudiólogos e dos linguistas é procurar evidências intrínsecas e estruturais da língua, ou ainda aquelas relacionadas a variação, mudança e aquisição da língua. De mais a mais, destacam:

Fica clara, portanto, a importância do diálogo intenso entre linguística e a fonoaudiologia, visto que são complementares e algo a mais na prática clínica, que pode ser exercido pelo fonoaudiólogo, pode conferir validade ou não ao que vem sendo desenvolvido pela linguística, do mesmo modo que o que vem sendo desenvolvido pela linguística subsidia a prática clínica. Outra questão que merece ser discutida é a participação do profissional que faz da clínica da linguagem, o fonoaudiólogo, na criação desses modelos, na validação, na interpretação, nas inovações de que esses modelos precisam, para que não se crie uma relação dicotômica entre os profissionais envolvidos na clínica e na teoria de linguagem. (HORA e VOGLEY, 2016, p. 17).

Para Lorentz (1976, *apud* YAVAS, HERNANDORENA e LAMPRECHT, 1991, p. 10),

[...] A patologia da fala deveria ter como meta principal lógica uma caracterização geral da natureza da fala dos sistemas fonológicos com

desvios: como se estruturam, como mudam, e que restrições gerais ou específicas determinam a forma e o âmbito de aplicação das regras fonológicas. Quanto maior o número de descrições explícitas e bem documentadas disponíveis para análise, tanto mais provável será a realização dessa meta.

Outro aspecto a ser considerado neste subitem diz respeito à avaliação fonoaudiológica, com o objetivo de tratar os distúrbios da fala. A base avaliativa deste trabalho se ancora em pesquisas de Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), porém com adaptações, como se pode ver, em síntese, na Tabela 1.

Tabela 1 - Recorte da Tabela proposta por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991).

FONEMA	Início de sílaba e início da palavra – ISIP.	Início de sílaba dentro da palavra – ISDP.
/t/	Televisão, tapete, toalha, tocar, telhado, torneira, tampa.	Trator, fruta, floresta, prato, borboleta, bicicleta, planta, martelo, gato, estante, botão, porta, sapato, antena.

Fonte: Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991, p. 21).

Tabela 2 - Recorte da Tabela proposta por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991).

FONEMA	Final de sílaba dentro da palavra – FSDP.	Final de sílaba fora da palavra – FSFP.
/s/	Floresta, disco, pescoço, estrela, estrada, escovar, esperar.	Lápis, nariz, cruz, dois.

Fonte: Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991, p. 22).

Em ambas as tabelas foram realizados recortes do original, mas a ideia principal diz respeito às iniciais das palavras: Início de sílaba e início da palavra – ISIP; Início de sílaba dentro da palavra – ISDP; Final de sílaba dentro da palavra – FSDP e Final de sílaba fora da palavra – FSFP. Neste trabalho, consideramos o início, o meio e o final da palavra. Observe a Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 - Demonstração do quadro de fonemas deste trabalho.

FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
/t/	Televisão	Catorze	Muito

Fonte: A autora (2019).

Outro aspecto que diferencia ambas as avaliações corresponde a metodologias adotadas para a coleta de dados. O quadro de Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), por exemplo, é composto por prancha de desenhos temáticos e a criança fica livre para responder olhando para as figuras. A nossa proposta segue a metodologia do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, que será descrita no Capítulo 5.

As pesquisas na área de terapia dos desvios fonológicos têm evoluído significativamente. Junto com essas investigações observa-se o interesse permanente de se elaborar modelos terapêuticos que promovam maior generalização e, conseqüentemente, um menor tempo de terapia. Assim, espera-se que as crianças consigam reorganizar seus sistemas em direção ao alvo-adulto o mais rápido possível. O processo terapêutico, independente do modelo que se vai utilizar, tem como ponto inicial a seleção dos segmentos-alvo a serem tratados. Concomitante a essa preocupação está a seleção das palavras-estímulo utilizadas nos procedimentos de bombardeio auditivo, jogos, atividades específicas, entre outros. A fase de seleção das palavras-estímulo para as sessões de reabilitação não deve ser feita ao acaso. É imprescindível que se considere os diversos aspectos dos itens lexicais nos quais o som a ser trabalhado está inserido, tais como: tonicidade, contexto fonológico (som que precede e segue), número de sílabas, padrão silábico, quão funcional a palavra é no sistema de comunicação da criança e inventário fonético. (MEZZOMO *et al.*, 2008).

Em suma, os estudos na área da fonologia clínica – que no passado poderiam desconhecer o interesse que os linguistas têm em aplicar seus conhecimentos à fala com desvios – não podem mais ignorar a significação da fonologia para a efetivação de seu trabalho.

Retomando o nosso ponto de partida e endossando a relação existente entre Fonoaudiologia e Linguística, destacamos o que dizem Hora e Vogeley (2016, p. 13):

Falar sobre a relação entre linguística e fonoaudiologia requer, antes de mais nada, falar sobre a linguística clínica, enquanto ponto de interseção. A fonoaudiologia e a linguística clínica buscam estudar o desenvolvimento normal da linguagem e suas alterações. A fonoaudiologia exerce a clínica da linguagem. A linguística clínica envolve a aplicação de teorias e metodologias para o estudo, caracterização, avaliação, diagnóstico e tratamento dos problemas da comunicação.

A seguir, trataremos da aquisição da linguagem como ponto de encontro, principalmente para a aplicação do instrumento de análise, produto desta pesquisa.

3 LINGUISTICA, FONOAUDIOLOGIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

O desenvolvimento do som da fala refere-se basicamente ao domínio articulatório gradual das produções de som em uma determinada língua. Portanto, mede-se a proficiência de uma criança para produzir os sons da fala semelhantes aos do adulto. BAUMAN-WAENGLER (1996, p. 33).

3.1 OS ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Para Grolla e Silva (2014, p. 29), a criança só manifesta alguma produção linguística em torno dos seis meses de vida. Contudo, certas capacidades perceptivas relativas às línguas humanas podem ser notadas com poucos dias de vida. O quadro a seguir resume as principais características de cada fase concernente à aquisição de linguagem:

Tabela 4 - Fases de desenvolvimento linguístico da criança.

Idade	Produção infantil
Primeiros meses	- as crianças choram e emitem os primeiros sons; - são capazes de distinguir língua de grupos rítmicos diferentes;
6 meses	- as crianças balbuciam várias sílabas diferentes e repetidas;
10 meses	- o balbucio infantil se restringe aos sons que ouvem; - as crianças começam a emparelhar som e significado;
1 ano	- decresce a capacidade das crianças de discriminar sons de línguas diferentes de sua língua materna; - produção das primeiras palavras, que valem por frases;
1 ano e 6 meses	- começam a produzir duas palavras com contorno frasal; - conhecem a ordem das palavras de sua língua materna;
Entre 2 e 3 anos	- vocabulário passa de 400 palavras para 900 palavras; - fase da sobregeneralizações ('eu sabo', 'eu trazi');
Mais de 3 anos	- vocabulário já tem 1.200 palavras; - as sentenças produzidas já possuem preposições, artigos e outras palavras gramaticais; - estruturas complexas, como orações relativas e clivadas são produzidas.

Fonte: Grolla e Silva (2014, p. 69).

LYONS (2011) enfatiza que os bebês respondem, nos primeiros meses de vida (se não mais cedo), não apenas à voz humana como tal, mas também à diferença entre consoantes correspondentes surdas e sonoras. Acrescenta, ainda, que existem dois períodos, o primeiro chamado de *holofrástico*, durante o qual a criança produz o que é tradicionalmente considerado como sentenças de uma palavra, com duração entre os nove aos dezoito meses e é seguido pelo segundo período, o *telegráfico*, que se inicia pela produção de enunciados de duas palavras. O autor também enfatiza:

À medida que a criança passa, durante o período telegráfico, do estágio de duas palavras para outros estágios caracterizados pela produção de enunciados mais longos, a sua fala vai se aproximando cada vez mais, em termos de ordem de palavras etc., da do adulto. (LYONS, 2011, p. 232).

No âmbito da aquisição, Pierrehumbert (2001, *apud* SILVA, 2006) afirma que a criança é sensível às variedades da língua e acredita que a escolha da unidade linguística feita pela criança está relacionada à organização dessa unidade nas representações mentais. Isto é, unidades linguísticas que são mais frequentes na língua e possuem maiores semelhanças entre si na representação mental da criança serão mais empregadas por serem de mais fácil acesso. Entretanto, pode-se dizer que a construção dessa representação é multidimensional, pois se organiza a partir de diversas características: fonético-fonológica, semântica, contextual, social, semelhante aos aspectos elencados por Mollica (1992) ao falar da escolha da variável por parte do falante.

Tabela 5 - Demonstrativo do som e a idade em meses de aquisição.

Som adquirido	Idade em meses
/t/	18 meses
/tʃ/	18 meses
/d/	18 meses
/dʒ/	18 meses
/R/	48 meses
/r/	60 meses
/ʁ/	48 meses
/ʃ /	36 meses

Fonte: Lowe (1996).

Para Lyons (2011), as diversas pesquisas e as observações levam às mesmas conclusões generalistas:

Todas as crianças normais adquirem a língua que ouvem falar à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a falar mais ou menos a mesma idade e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico. O progresso que alcançam é, pelo menos às vezes, tão rápido, que, como observam tanto pais quanto pesquisadores, é difícil manter um registro compreensivo e sistemático dele. Além disso, tal progresso é, no total, independente de inteligência e de diferenças de meio social e cultural. (LYONS, 2011, p. 232)

A seguir, discutiremos a influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem.

3.2 A INFLUÊNCIA DA DINÂMICA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Em relação à influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem, SAUSSURE ([2012], p. 51) pontua:

[...] é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas.

Papp e Wertzner (2006) enfatizam que nos últimos anos muitos estudos têm sido realizados com o objetivo de aprimorar as avaliações fonoaudiológicas para diagnosticar os distúrbios que envolvem a fala e a linguagem. Inclusive, ressaltam que a dinâmica familiar possui forte influência no desejo da criança em falar de acordo com as regras linguísticas do seu meio.

Ao examinar a relação pai-mãe-criança no âmbito da linguagem, vista por Cervi, Keske-Soares e Drugg (2016), relatam as predisposições genéticas na análise dos distúrbios da linguagem e a estruturação psíquica, em que essa relação é também a base da constituição linguística infantil, podendo influenciar positivamente ou não a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

Para Wertzner (2004, *apud* PEREIRA e KESKE-SOARES, 2009, p. 788),

[...] o desvio fonológico é uma dificuldade de fala caracterizada pelo uso inadequado de sons, podendo envolver erros em sua produção, percepção ou organização. Ele possui grande ocorrência entre a população infantil e é diagnosticado entre 4 e 8 anos, período que coincide com a entrada na pré-escola.

As causas do desvio fonológico ainda são desconhecidas (INGRAM, 1976). Ou, como diz Lamprecht (1999), sua etiologia não está clara.

Wertzner (2004) indicou fatores associados à influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem, que são: sexo, idade, otite, alterações de vias

aérea superiores e histórico familiar. Tais fatores também foram encontrados em pesquisas de Papp (2003), Papp e Wertzner (2006) e Weber *et al.* (2007).

Outro ponto relevante diz que:

Tais estudos têm evidenciado a grande ocorrência do transtorno fonológico, que é definido pela dificuldade em usar as regras do sistema fonológico, que incluem os fonemas e a sua distribuição, bem como os tipos de estruturas silábicas pertinentes a cada língua (Oliveira e Wertzner, 2000; Wertzner *et al.*, 2001; Wertzner, 2002; Wertzner e Oliveira, 2002; Wertzner, 2003; Wertzner, 2004). Essa dificuldade pode ser identificada por meio dos processos fonológicos utilizados, que são simplificações das regras fonológicas da língua (Peña-Brooks e Hedge, 2000) (PAPP E WERTZNER, 2006, p.152).

Para Cervi, Keske-Soares e Drugg (2016), pouco se sabe sobre a etiologia dessa patologia. Alguns autores têm apontado o núcleo familiar como um dos principais fatores influentes na etiologia do desvio fonológico (LEWIS *et al.*, 2004; MOTA, 2004; PAGLIARIN, KESKE-SOARES e MOTA, 2009; WERTZNER e PAPP, 2006; WERTZNER *et al.*, 2007).

Mota (2004, *apud* PEREIRA e KESKE-SOARES, 2009, p. 788) cita aspectos do indivíduo que devem ser considerados e investigados pela Fonoaudiologia, tais como os de ordem emocional, cognitiva, social, individual, motivacional e familiar. Insta destacar que alguns desses aspectos também são estudados na área da Psicanálise, e salienta-se, entre estes, o lugar simbólico no discurso parental.

Papp e Wertzner (2006, p. 151-152) enumeram algumas pesquisas que enfatizam o aspecto familiar enquanto fator importante para a análise do desvio fonológico na criança. Assim, destacam:

Lewis *et al.* (1989) fizeram uma pesquisa envolvendo 20 crianças com transtorno fonológico grave e seus irmãos, que foram comparados com 20 crianças com desenvolvimento normal e seus irmãos e os resultados mostraram que as famílias de crianças com distúrbio relataram significativamente mais membros com alteração de fala e linguagem. Lewis (1990) analisou a história genealógica de 4 crianças com transtorno fonológico grave e todos os sujeitos apresentaram membros da família com dislexia e dificuldade de aprendizagem, bem como alterações de fala. Em um estudo realizado com 38 irmãos em idade escolar e 94 pais de crianças com transtorno fonológico, as autoras, Lewis e Freebairn (1997), afirmam que 20% a 40% dos sujeitos com transtorno de fala e linguagem possuem casos de distúrbio na família. Um estudo preliminar da ocorrência de transtorno de fala e linguagem em familiares de 28 sujeitos com transtorno fonológico, realizado no Brasil por Salvatti e Wertzner (1999), mostrou que metade da população estudada apresentou casos positivos desses distúrbios em familiares, sendo sua maior concentração em irmãos. O estudo feito por Fox *et al.* (2002) utilizou um questionário para a coleta de dados da questão familiar, obtendo

como resultado que 28% das crianças com transtorno de fala tinham história positiva de transtornos familiares, a maioria envolvendo um membro do núcleo familiar. Mais recentemente Lewis *et al.* (2004b) estudou a árvore genealógica de 42 crianças com transtorno de fala e linguagem com suspeita de apraxia de fala na infância, encontrando 86% de relatos que pelo menos um membro do núcleo familiar era afetado e 59% das crianças tinha pelo menos um dos pais com queixa.

Dito isso, reportamo-nos ao objeto de estudo deste trabalho (ver capítulo 6, subitem 6.2), que trata de um instrumento de análise baseado no Português falado no Maranhão, cujas informações foram retiradas do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA. Esse instrumento será aplicado na Clínica Fonoaudiológica Diária, onde, além de adultos e idosos, também são atendidas crianças de ambos os sexos e em diferentes faixas etárias (público-alvo que compreende a trajetória da autora deste estudo como fonoaudióloga).

A abordagem desse assunto neste trabalho serve para demonstrar que é pela fala do adulto que a criança aprende a falar. Metodologicamente, lançamos mão de informantes apontados como de primeira faixa etária (18 a 30 anos) e de segunda faixa etária (50 a 65 anos), para que, quando no momento da aplicação do instrumento, dúvidas em relação ao quadro clínico fonoaudiológico (linguístico) surgirem, o avaliador leve em consideração o que as pesquisas corroboraram: as características concernentes ao comportamento linguístico das crianças estão relacionadas aos discursos parentais.

A seguir, discorreremos sobre os processos fonológicos, para uma maior compreensão do conjunto de dados que compõem o instrumento de análise, sendo um item deste preenchido com base nas transcrições realizadas pelo avaliador e levando em consideração a classificação que abordamos nesta dissertação a respeito dos tipos de processos fonológicos.

3.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

O indivíduo quando apresenta uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala, naturalmente busca uma forma alternativa idêntica em todos os outros sentidos. Essa estratégia é denominada *processo fonológico*.

As mudanças que queremos discutir podem ser estudadas em um determinado momento (sincronicamente) e se referem às modificações pelas quais passam as palavras por influência de contextos vizinhos ou podem ser

observadas se comparadas as palavras em diferentes momentos da história de nossa língua (diacronicamente, por exemplo na evolução do latim para o português). Os processos que são vistos diacronicamente são os mesmos que podem ser atestados ainda hoje nas mudanças que ocorrem sincronicamente. Essas mudanças podem alterar ou acrescentar traços articulatorios, eliminar ou inserir segmentos. São os chamados **processos fonológicos** que se classificam em função dessas alterações. (SEABRA, 2011, p. 107).

Outra questão levantada por autores que tratam do assunto, é que estes processos acontecem em crianças na fase de aquisição da linguagem.

No âmbito da aquisição, Pierrehumbert (2001, *apud* SILVA, 2006) afirma que a criança é sensível às variedades da língua e acredita que a escolha da unidade linguística que a criança fará está relacionada à organização dessa unidade linguística nas representações mentais.

Hernandorena (1995, p. 14), por seu lado, diz que para Chomsky a gramática da língua é “constituída de um conjunto de regras formais que gera as sentenças bem formadas da língua e determina a interpretação do conjunto potencialmente infinito de sentenças que formam a língua como um todo.

No próximo capítulo, trataremos da variação linguística, outro assunto relevante para a dissertação ora apresentada.

4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul. [...] Mas essas *variáveis* podem também ter um sentido social, quando em um mesmo ponto do território uma diferença linguística é mais ou menos isomorfa de uma diferença social. CALVET (2002, p. 89),

Em se tratando de variação linguística, Mollica (1992), baseando-se na sociolinguística laboviana, ressalta que a escolha do uso da variável depende dos seguintes fatores: a) fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais; b) sexo, idade e etnia (inerentes ao indivíduo); c) sócio-geográficos (região, escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva), que estão relacionados às características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala.

Neste trabalho consideramos unicamente o falar do povo maranhense e suas variantes para fonemas já citados. Assim, pensamos ser oportuno citar Lowe (1996, p. 193), que diz: “A língua de um grupo cultural é utilizada para comunicar-se com outros e transmitir às crianças da cultura os interesses comuns, crenças compartilhadas e experiências compartilhadas”.

Hora (2004) ressalta que se deve compreender a língua como um instrumento social sujeito a variações e mudanças, sendo de grande relevância o conhecimento da realidade local. O pesquisador cita que estudos específicos da variação linguística têm indicado que há certa regularidade no sistema de variação, sendo, em parte, decorrente de fatores linguísticos ou extralinguísticos (idade, sexo, classe social, escolaridade).

No entendimento desse autor, o que tem que se considerar nesse contexto é a distinção entre as variáveis linguísticas e as variáveis sociais correspondentes. Calvet (2002, p. 96) aponta ainda que “[...] a maioria dos estudos de linguística variacionista incidem sobre os sons da língua, porque as variações são aqui ao mesmo tempo mais evidentes e mais fáceis de descrever e de quantificar [...]”.

As variáveis linguísticas acontecem pela influência social, cultural e intelectual que ocorrem em determinada língua, tornando-se universais ou não, podendo ser

adquiridas pelas crianças no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem ou depois pela influência do meio social em que vivem.

Cagliari (2012, p. 76) enfatiza que, para proceder à obtenção dos dados, costuma-se considerar: 1) idade; 2) sexo; 3) grau de educação; 4) histórico de lugares onde a pessoa morou; 5) profissão; 6) alguma peculiaridade pessoal ao falar, como qualidade vocal ou problemas anatômicos (falta de dentes).

Para o cientista, esses parâmetros revelam

[...] diferentes dialetos e modos regionais de pronunciar as palavras uma mesma pessoa pode alterar sua pronúncia em função de alguns outros fatores, como a tensão, o nervosismo, a familiaridade ou a surpresa. Também interferem na qualidade dos dados os graus de formalidade: situação mais ou menos formal em que a fala ocorre. Uma declaração formal em uma entrevista obriga o falante a tomar certos cuidados que não tomaria se a gravação fosse feita de modo camuflado em uma conversa entre amigos (CAGLIARI, 2012, p. 76).

Ainda de acordo com Cagliari (2012, p. 76), “[...] Toda pessoa é usuária de uma variedade de uma língua como falante nativo e tem o direito de ser respeitado, assim como se devem respeitar os falantes de outras línguas”. Na contramão desse entendimento, o preconceito linguístico aparece com o nome de dislalia, dislexia, disfunção cerebral, distúrbio psicológico, déficit fonológico, associados à patologia da fala. Diante disso, é preciso tomar muito cuidado para distinguir um problema real de natureza neurológica de uma simples questão de variação linguística.

Em suma, os estudos na área da sociolinguística ajudam o profissional fonoaudiólogo a repensar o modo de falar de uma comunidade linguística e, a partir daí, entender a fala de cada pessoa. A seguir, apresentaremos os conceitos de mudança no tempo aparente, mudança no tempo real e as influências linguísticas no contexto fonoaudiológico.

4.1 MUDANÇA NO TEMPO APARENTE E MUDANÇA NO TEMPO REAL

Para entendermos esses conceitos, tomamos como exemplo a comparação do Português e sua língua-mãe, o Latim. As variações surgem com o tempo, e as mudanças não acontecem de uma hora para outra, ou de um dia para o outro, ou ainda de um ano para o outro, já que possuem um caráter gradual que se dá por meio

dos séculos, a longo prazo. No tocante à natureza das línguas, Paiva (2016, p. 23), ensina-nos que:

[...] As línguas humanas são sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas dos seus usuários. Esse dinamismo das línguas fica mais evidente quando comparamos a fonologia, a morfologia, a sintaxe de uma língua em diferentes períodos de sua história. Continuamente, formas linguísticas desaparecem, outras nascem ou formas já existentes se modificavam assumindo novos significados e/ou novas funções. Essas mudanças podem mesmo tornar estágios anteriores de uma língua inteiramente incompreensíveis para o falante nativo contemporâneo.

A língua se caracteriza por ser o principal objeto de interação entre os seres humanos desde os tempos remotos e talvez seja por isso que ela possua variações capazes de mudar sua forma nos mais variados aspectos: fonológico, lexical e morfológico, passando também pela sintaxe e pela semântica.

William Labov nos disponibiliza, mediante seus estudos, um embasamento teórico e metodológico que facilita a nossa compreensão acerca do arcabouço da Sociolinguística, mais precisamente em relação às mudanças linguísticas.

Paiva (2016) diz que para entender a mudança é preciso antes compreender que a língua é um sistema abstrato e homogêneo; as línguas são “inerentemente variáveis” em função dos vários aspectos estruturais e aspectos externos: região, características dos usuários (idade, sexo, classe social, estilo e registros de fala).

Weinreich, Labov e Herzog (1968), por exemplo, afirmam que formas alternativas com o mesmo significado podem estar em concorrência e, gradualmente, uma delas pode ampliar seu uso e se instalar em toda a comunidade de fala, acarretando o desaparecimento de sua rival. Também enfatizam que a mudança é a outra face da variação, característica das línguas humanas.

É oportuno lembrar que a língua, para Ferdinand de Saussure (2012), é um sistema abstrato partilhado pelos falantes que lhe dão concretude no âmbito da fala.

Segundo a narrativa de Bortoni-Ricardo (2014), a oralidade é, por excelência, uma atividade localmente construída e muito sujeita às contingências do momento da enunciação. E complementa:

A comunicação oral é construída pelos interagentes. O falante recebe de seus ouvintes sinais de retorno que o ajudam a produzir e a modular a sua fala. O ouvinte pode, pois, ser considerado o principal elemento do contexto que

condiciona a fala de seu interlocutor. Ou seja, o interagente é contexto para o falante. (BORTONI-RICARDO 2014, p. 20).

Weinreich, Labov e Herzog (1968) enfatizam que há uma escala que é adquirida mediante pesquisa com falantes de idades diversificadas. Por exemplo, a fala de uma pessoa com 70 anos, hoje, representa a língua de 55 anos atrás. Já uma pessoa com 30 anos, hoje, possui uma fala de apenas 15 anos atrás. Esse modelo de escala de tempo aparente é denominado de “gradação etária”, que também se baseia na hipótese clássica, de uma escala de mudança real.

[...] Trata-se de uma análise sincrônica, de natureza não longitudinal que permite levantar hipóteses acerca da direcionalidade de variantes concorrentes e o curso de implementação de uma inovação linguística. Metodologicamente, o estudo da mudança em tempo aparente toma como ponto de partida padrões de distribuição de variantes linguísticas de acordo com a variável idade ou, mais frequentemente, faixa etária dos falantes incluídos em uma amostra representativa. Mudança em tempo aparente é uma interpretação possível para os casos em que uma forma/variante linguística é significativamente mais frequente na fala de grupos etários mais jovens e decresce proporcionalmente ao aumento de faixa etária, resultando em um padrão linear. Formas inovadoras são introduzidas na fala dos mais jovens, substituindo as formas mais antigas/conservadoras ainda recorrentes nas faixas etárias mais velhas da população. A forma predominante na fala dos mais jovens é uma forte candidata a se generalizar, geração após geração, até o completo desaparecimento da sua concorrente. (PAIVA, 2016, p. 26).

Em outros termos, Paiva (2016) nos ensina que nos estratos sociais os mais velhos tendem a conservar regras e formas antigas. As pessoas com um maior nível de escolaridade também mantêm essa preocupação, inclusive pelo fato de fazer parte do seu trabalho a necessidade de uma boa apresentação. As mulheres também eram muito cobradas pela sociedade no que diz respeito à conservação das regras gramaticais, especialmente no tocante à famosa prosódia, para que pudessem ter os “melhores casamentos”. Ademais, é importante lembrar que alguns itens da estrutura linguística ou do léxico estão mais vulneráveis às mudanças.

Sankoff (2006) nos dá um outro prisma sobre as mudanças nas línguas ao afirmar que devemos partir daquilo que já conhecemos para aquilo que é desconhecido: do presente para o passado.

Na concepção de Labov (1972, *apud* TAVARES, 2011, p. 398), as diferenças linguísticas existentes entre gerações distintas de falantes de uma mesma comunidade – diferenças em tempo aparente – refletem-se em desenvolvimentos diacrônicos da língua. O esperado é que a recorrência das variantes inovadoras

aumente à proporção que diminui a idade dos informantes, o que resulta em uma distribuição linear crescente: de um lado da escala, temos a faixa etária mais velha, com as frequências de uso mais baixas ou mesmo com frequência zero, e do outro a faixa etária mais jovem, com as frequências de uso mais elevadas.

A pesquisa em tempo real exige o rastreamento do processo histórico de mudança em diferentes épocas da língua, valendo-se o pesquisador de amostras orais ou, se elas não estiverem disponíveis, amostras escritas de sincronias distintas, para poder comparar os usos dados a um certo fenômeno variável ao longo do tempo. Tal análise permite observar se a variante inovadora aumentou a frequência na comunidade com o passar do tempo “real”. (TAVARES, 2011, p. 397-398)

5 METODOLOGIA

5.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como quali-quantitativa e foi dividida em quatro etapas que compreendem: i) pesquisa bibliográfica; ii) seleção das questões; iii) análise dos dados levantados por meio de rodadas feitas no programa Goldvarb X e iv) criação de instrumento de análise fonoaudiológica para utilização na clínica diária.

Para fundamentarmos teoricamente o estudo ora apresentado, primeiramente realizamos pesquisa bibliográfica, mediante consulta a dicionários especializados, livros, teses, dissertações e artigos científicos, contemplando os seguintes campos: aquisição de linguagem, protocolos de emissão fonoaudiológica, desvio fonológico, influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem, variação linguística, fonética e fonologia do português brasileiro.

Na segunda etapa da pesquisa, selecionamos itens do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA, no qual estão dispostas as questões referentes aos fonemas investigados. Depois, analisamos as transcrições resultantes das entrevistas – gravadas em áudio – realizadas com os falantes dos municípios maranhenses que compõem os pontos linguísticos do Projeto ALiMA. Esses instrumentos subsidiaram a análise do *corpus*, de forma que pudéssemos observar as variáveis relevantes sob o comportamento dos falantes quanto à produção dos fonemas estudados.

Para tanto, lançamos mão das gravações das entrevistas do questionário supramencionado, a fim de analisarmos a sequência de emissão de fonemas no início, no meio e no fim da palavra.

Baseando-nos, aprioristicamente, no instrumento criado por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991), selecionamos as questões que observam as variantes dos seguintes fonemas: /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /ʀ/, /ɾ/, /ʁ/, /ʃ/.

Já na terceira etapa da pesquisa, realizamos a análise dos dados que foram extraídos do *corpus* coletado pelo Projeto ALiMA, no município de São Luís, capital do Estado do Maranhão, que integra a rede de pontos linguísticos do atlas. O *corpus* do ALiMA é obtido por meio da aplicação de questionários a quatro informantes por localidade do Estado – exceto em São Luís, onde foram considerados oito informantes, dos quais quatro são universitários –, distribuídos igualmente pelos dois

sexos, em duas faixas etárias – 18 a 30 anos, faixa etária I, e 50 a 65 anos, faixa etária II. Além disso, os informantes também são naturais das localidades investigadas.

Foi também na terceira etapa da pesquisa que realizamos a rodada dos dados no Programa Goldvarb X. De acordo com Naro (2007), para a análise total dos dados, seis etapas deveriam ser cumpridas, a saber: i) definição das variáveis dependente e independente (linguísticas e extralinguísticas); ii) delimitação da amostra; iii) obtenção dos dados; iv) transcrição e codificação dos dados – codificação, em que se define para cada fator das variáveis dependentes e independentes linguísticas e extralinguísticas –; v) quantificação dos dados –mede-se a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra. Para cada fator da pesquisa, será atribuído um valor numérico estatístico – percentuais e pesos relativos – e vi) interpretação dos resultados: envolve a compreensão e a análise dos resultados obtidos pelo programa.

Na quarta etapa – a partir da amostra de fala dos informantes do Projeto ALiMA, no âmbito fonético-fonológico –, analisamos as variáveis linguísticas do português falado no Maranhão. Após essa análise, utilizamos os dados para a criação do instrumento de análise para avaliar a emissão dos fonemas durante a abordagem fonoaudiológica da clínica diária.

5.1.1 São Luís: *locus* da pesquisa

Para Curvelo-Matos (2015), a cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, formou-se sobre o estuário dos rios Anil e Bacanga. Foi fundada em 8 de setembro de 1612 pelos franceses Daniel de La Touche e François de Rasily, que tinham como objetivo estabelecer a França Equinocial. As raízes de seu topônimo (São Luís) se devem à homenagem feita ao Rei da França, Luís XIII. Outrossim, a cidade tem a alcunha de quatro epítetos: Atenas Brasileira, Ilha do Amor, Jamaica Brasileira e Cidade dos Azulejos.

5.1.2 Procedimentos metodológicos

A rede de pontos do Projeto ALiMA é constituída por 16 localidades, distribuídas por todo o território maranhense, conforme Tabela 6, disposto a seguir:

Tabela 6 - Rede de Pontos do Projeto ALiMA.

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO
Norte	Aglomeração Urbana de São Luís	MA 1 – São Luís
		MA 2 – Raposa
Centro	Baixada Maranhense	MA 3 – Pinheiro
	Médio Mearim	MA 16 – Bacabal
	Alto Mearim e Grajaú	MA 18 – Tuntum
Oeste	Gurupi	MA 5 – Carutapera
		MA 4 – Turiaçu
Leste	Imperatriz	MA 7 – Imperatriz
	Chapadinha	MA 13 – Brejo
	Codó	MA 17 – Codó
	Caxias	MA 12 – Caxias
	Chapadas do Alto Itapecuru	MA 11 – São João dos Patos
	Baixo Parnaíba Maranhense	MA 14 – Araióses
	Porto Franco	MA 8 – Carolina
	Gerais de Balsas	MA 10 – Alto Parnaíba
		MA 9 – Balsas

Fonte: Projeto ALiMA (2019)

A escolha pela localidade São Luís, dentre os 16 pontos da rede de pontos do ALiMA, levou em consideração os seguintes critérios: (i) a extensão territorial; (ii) os aspectos demográficos, culturais e históricos e (iii) a natureza do processo de povoamento, critérios estes propostos por Antenor Nascentes (1958) nas *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. (RAMOS *et al.*, 2005)

Foram selecionados 4 informantes, com o seguinte perfil: pessoas de ambos os sexos, nascidas e criadas na localidade, distribuídas equitativamente em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e de dois níveis de escolaridade – fundamental nas capitais, conforme apresentado na Tabela 7.

Os questionários linguísticos utilizados pelo Projeto ALiMA buscam contemplar questões que permite coletar dados nos diferentes níveis de análise linguística. Para tanto, foram elaborados três questionários direcionados para aspectos específicos da língua: (i) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), contemplando 159 perguntas; (ii) Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 227 perguntas divididas em 14 áreas semânticas: *acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; convívio e comportamento social; religiões e crenças; jogos e diversões infantis; habitação; alimentação e cozinha; vestuário e acessórios e vida urbana*, e (iii) Questionário Morfossintático (QMS), contendo 47 perguntas; (iv) Questões de Pragmática, com 16 perguntas; (v) Temas para discursos semidirigidos – relato

pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal; (vi) perguntas metalinguísticas (total de seis); e um texto para leitura.

Além dos questionários, o Projeto ALiMA utiliza ainda os seguintes instrumentos de pesquisa: (i) ficha da localidade, que compreende dados de identificação sobre os municípios maranhenses que compõem a rede de pontos linguísticos do Projeto (nome, gentílico, dados sócio-econômico-demográficos, informações sócio-histórico-culturais); (ii) ficha do informante, que compreende dados de identificação do informante (nome, idade, profissão, naturalidade, escolaridade), informações sobre a religião, o contato com os meios de comunicação, participação em diversões e dados sobre a entrevista (ambiente, duração, data do inquérito, caracterização do informante); (iii) ficha de acompanhamento de inquérito, que contém informações sobre a entrevista: identificação do informante, número do ponto linguístico, nomes do inquiridor e auxiliares, duração do inquérito, e dados sobre as perguntas (respondidas, não-respondidas, não-realizadas, retomadas).

Em se tratando desta dissertação, nossa amostra é composta por 4 inquéritos. Para atender à natureza da investigação aqui proposta, observamos também a região declarada pelo informante, registrada na *ficha do informante* do Projeto ALiMA, com o intuito de verificar as possíveis influências dessa variável no repertório fonético-fonológico dos falantes.

Outro aspecto suscitado e posto em prática pela equipe de pesquisadores do Projeto ALiMA foi a preocupação em saber se o informante possuía todos os dentes, se não apresentava desvio de comissura labial e se tinha as estruturas orofaciais intactas. Com isso, ainda que o informante se encaixasse no perfil procurado, se algum desses aspectos fosse observado no momento da abordagem para a entrevista inicial, este não mais participaria da entrevista.

A Tabela 7 apresenta o perfil dos informantes que compõem nossa amostra. Para uma melhor identificação desses sujeitos, e observando as questões éticas, seguimos o mesmo padrão de codificação adotado pelo ALiMA. Na coluna “Código do Informante”, as letras iniciais correspondem à sigla do Estado, seguida pelo número atribuído a cada localidade, separado por uma barra diagonal com o número que representa o perfil do entrevistado: 1, 2, 5 e 6 se referem aos entrevistados da faixa etária I (18 a 30 anos), e 3, 4, 7 e 8, aos da faixa etária II (50 a 65 anos); os números ímpares indicam o sexo masculino, e os pares, o feminino. Os informantes MA1.1, MA

1.2, MA 1.3 e MA 1.4 possuem o ensino fundamental (até a 4ª série), informantes utilizados nesta pesquisa.

Tabela 7 - Perfil dos informantes da pesquisa.

LOCALIDADE	CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
MA 1 (São Luís)	MA1.1	FI - 34 anos	EF	Masculino
	MA1.2	FI - 26 anos	EF	Feminino
	MA1.3	FII - 63 anos	EF	Masculino
	MA1.4	FII - 55 anos	EF	Feminino
	MA1.5	FI - 26 anos	ES	Masculino
	MA1.6	FI - 23 anos	ES	Feminino
	MA1.7	FII - 55 anos	ES	Masculino
	MA1.8	FII - 64 anos	ES	Feminino
MA 3 (Pinheiro)	MA3.1	FI - 24 anos	EF	Masculino
	MA3.2	FI - 25 anos	EF	Feminino
	MA3.3	FII - 51 anos	EF	Masculino
	MA3.4	FII - 58 anos	EF	Feminino
MA 4 (Turiaçu)	MA4.1	FI - 26 anos	EF	Masculino
	MA4.2	FI - 27 anos	EF	Feminino
	MA4.3	FII - 62 anos	EF	Masculino
	MA4.4	FII - 52 anos	EF	Feminino
MA 7 (Imperatriz)	MA7.1	FI - 29 anos	EF	Masculino
	MA7.2	FI - 19 anos	EF	Feminino
	MA7.3	FII - 56 anos	EF	Masculino
	MA7.4	FII - 63 anos	EF	Feminino
MA 8 (Carolina)	MA8.1	FI - 27 anos	EF	Masculino
	MA8.2	FI - 28 anos	EF	Feminino
	MA8.3	FII - 55 anos	EF	Masculino
	MA8.4	FII - 66 anos	EF	Feminino
MA 9 (Balsas)	MA9.1	FI - 21 anos	EF	Masculino
	MA9.2	FI - 18 anos	EF	Feminino
	MA9.3	FII - 61 anos	EF	Masculino
	MA9.4	FII - 50 anos	EF	Feminino
MA 10 (Alto Parnaíba)	MA10.1	FI - 26 anos	EF	Masculino
	MA10.2	FI - 31 anos	EF	Feminino
	MA10.3	FII - 56 anos	EF	Masculino
	MA10.4	FII - 62 anos	EF	Feminino
MA 11 (São João dos Patos)	MA11.1	FI - 28anos	EF	Masculino
	MA11.2	FI - 17 anos e 6 meses	EF	Feminino
	MA11.3	FII - 66 anos	EF	Masculino
	MA11.4	FII - 55 anos	EF	Feminino
MA 12 (Caxias)	MA12.1	FI - 29 anos	EF	Masculino
	MA12.2	FI - 18 anos	EF	Feminino
	MA12.3	FII - 49 anos e 11meses	EF	Masculino
	MA12.4	FII - 54 anos	EF	Feminino
MA 13 (Brejo)	MA13.1	FI - 28 anos	EF	Masculino
	MA13.2	FI - 28 anos	EF	Feminino
	MA13.3	FII - 62 anos	EF	Masculino
	MA13.4	FII - 62 anos	EF	Feminino
MA 14	MA14.1	FI - 27 anos	EF	Masculino

(Araioses)	MA14.2	FI - 17 anos e 10 meses	EF	Feminino
	MA14.3	FII - 52 anos	EF	Masculino
	MA14.4	FII - 63 anos	EF	Feminino
MA 16 (Bacabal)	MA16.1	FI - 28 anos	EF	Masculino
	MA16.2	FI - 25 anos	EF	Feminino
	MA16.3	FII - 50 anos	EF	Masculino
	MA16.4	FII - 53 anos	EF	Feminino
MA 17 (Codó)	MA17.1	FI - 24 anos	EF	Masculino
	MA17.2	FI - 26 anos	EF	Feminino
	MA17.3	FII - 65 anos	EF	Masculino
	MA17.4	FII - 54 anos	EF	Feminino
MA 18 (Tuntum)	MA18.1	FI - 22ano	EF	Masculino
	MA18.2	FI - 24anos	EF	Feminino
	MA18.3	FII - 57anos	EF	Masculino
	MA18.4	FII - 65anos	EF	Feminino

Fonte: Projeto ALiMA (2019)

Para efeito desta pesquisa, selecionamos questões do QFF do ALiMA, sendo três questões por fonema consonantal /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/, /R/, /r/, /l/, /ʎ/, /j/, com emissão no início, no meio e no final da palavra. A seguir, apresentamos as questões:

Tabela 8 - Fonema [t].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	QFF: (004) INQ.—... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...? INF. – Televisão /televi'sãw/	QFF: (065) INQ. – O que é que vem depois do treze? INF. – Catôze /ka'tozi/	QFF: (077) INQ. – Qual é o contrário de pouco? INF. – Muito. /mũitu/

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 9 - Fonema [d].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	QFF: (064) INQ. – O que é que vem depois do nove? INF. – Deiz /'deiz/	QFF: (091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bãdere/	QFF: (060) INQ. – ... o dia que vem depois de sexta-feira? INF. – Depois?! INQ. – Depois de sexta-feira? INF. – Sábado /'sabadu/

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 10 - Fonema [tʃ].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	QFF: (131) INQ. – O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu _____? INF. – Tio. /tʃiu/	QFF: (106) INQ. – Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____? INF. – Mentira. /mẽtʃira/	QFF: (055) INQ. – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____? INF. – Noite /noi'tʃi/

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 11 - Fonema [dʒ].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	QFF: (056) INQ. – E depois da noite, o que é que vem? INF. – Manhã, aí depois vem a tarde, aí depois vem a noite de novo. INQ. – Sim, aí a gente diz assim: “Ah... então, agora é noite e depois vai vim o _____?” INF. – Dia /dʒiə/	QFF: (150) INQ. – Quando não se acha uma coisa, ela fica _____? Quando tu não achas uma coisa, tu diz: ah está? INF. – Perdida. /pẽrdʒidə/	QFF: (138) INQ. – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício? INF. – Doido /doidu /

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 12 - Fonema [R].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	QFF: (062) INQ. – Qual o contrário de cedo _____? INF. – tarde /tardʒi/	QFF: (065) INQ. – O que vem depois do treze? INF. – Catorze /ka'torzi/	QFF: (153) INQ. – Qual é o contrário de entrar? INF. – Sai. /sai/

Fonte: Projeto ALiMA (2019)

Tabela 13 - Fonema [r].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	(008) INQ. – ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama? INF. – Travissêru /travi'seru/	QFF: (119) INQ. – Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? INF. – coração. /kora'sãw/	QFF: (091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bã'dera /

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 14 - Fonema [ʎ].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	QFF: (080) INQ. – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer? INF. – Trabalha /traba'ʎa/	QFF: (044) INQ. – ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio? INF. – Abeia /a'beie /.

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 15 - Fonema [ʝ].

LOCALIZAÇÃO DO FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
INQUÉRITO	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	QFF: (050) INQ. – O que é que se pesca nos rios, no mar? INF. – Pêxe /peʝi/

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

5.1.3 COLETA DE DADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS - MA

Tabela 16 - Informante MA 1.1.

CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/ IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
MA1.1	FI - 34 anos	EF	Masculino

FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
/t/	(004) INQ. – E aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programa? INF. – Televisão. /televi'zãw/	(065) INQ. – O que é que vem depois do treze? INF. – Catôze /ka'tozi/	(077) INQ. – Qual é o contrário de pouco? INF. – Muito. /mũitu/
/d/	(064) INQ. – O que é que vem depois do nove? INF. – Deiz /'deiz/	(091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bã'dera/	(060) INQ. – ... o dia que vem depois de sexta-feira? INF. – Depois?! INQ. – Depois de sexta-feira? INF. – Sábadu /'sabadu/
/tʃ/	(131) INQ. – O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu _____? INF. – Tio. /'tʃiu /	(106) INQ. – Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____? INF. – Mentira. /mẽ'tʃire/	(055) INQ. – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____? INF. – Noite /'noitʃi/
/dʒ/	(056) INQ. – E depois da noite, o que é que vem? INF. – Dia /'dʒiv /	(150) INQ. – Quando não se acha uma coisa, ela fica _____? INF. – Perdida. /'pɛrdʒidɛ/	(138) INQ. – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício _____? INF. – Doido /'doidu/
/R/	(062) INQ. – Qual o contrário de cedo? INF. – tarde /'tardʒi /	(065) INQ. – O que vem depois do treze? INF. – Catorze. /ka'torzi/	(153) INQ. – Qual é o contrário de entrar? INF. – Sair. /sair/
/t/	(008)	(119)	091)

	INQ. – ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama? INF. – Travissêru /travi'seru/	INQ. – Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? INF. – Coração. /'korasãw/	INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bã'derɐ/
/ʎ/	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	(080) INQ. – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer? INF. – Trabalhá. /traba'ʎa/	(044) INQ. – ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio? INF. – Abelha. /a'beʎɐ/
]]	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	(050) INQ. – O que é que se pesca nos rios, no mar? INF. – Pêxe /peʃi/

Fonte: Projeto ALiMA (2019).

Tabela 17 - Informante MA 1.2.

CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/ IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
MA1.2	FI - 26 anos	EF	Feminino

FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
/t/	(004) IN INQ. – aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...? INF. – Televisão. /televi'sãw/	(065) INQ. – O que é que vem depois do treze? INF. – Catôze. /ka'tozi/	(077) INQ. – Qual é o contrário de pouco? INF. – Muito. /'muĩtu/
/d/	(064) INQ. – O que é que vem depois do nove? INF. – Deiz. /'deiz/	(091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bã'dera/	(060) INQ. – ... o dia que vem depois de sexta-feira? INF. –Depois!? INQ. –Depois de sexta- feira? INF. – Sábado. /'sabadu/

/tʃ/	<p>(131) INQ. – O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu _____? INF. – Tio. /'tʃiʊ /</p>	<p>(106) INQ. – Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____? [...] INF. – Mentira. /mẽ'tʃiɾv/</p>	<p>(055) INQ. – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____? INF. – Noite /'noitʃi/</p>
/dʒ/	<p>(056) INQ. – E depois da noite, o que é que vem? INF. – Manhã, aí dêpois vem a tarde, aí dêpois vem a noitche de novo. INQ. – Sim, aí a gente diz assim: “Ah...então, agora é noite e depois vai vim o _____?” INF. – Dia /'dʒiɐ /</p>	<p>(150) INQ. – Quando não se acha uma coisa, ela fica _____? Quando tu não achas uma coisa, tu diz ah está? [...] INF. Perdida /'pɛɾdʒidɐ/</p>	<p>(138) INQ. – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício? INF – Doido /'doɪdu/</p>
/R/	<p>(062) INQ. – Qual o contrário de cedo _____. INF. – Tarde. /'taɾdʒi /</p>	<p>(065) INQ. – O que vem depois do treze? INF. – Catorze. /ka'tɔɾzi/</p>	<p>(153) INQ. – Qual é o contrário de entrar? INF. – Sair. /saiɾ/</p>
/ɾ/	<p>(008) INQ. – ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama? INF. – Travisêru /travi'seru/</p>	<p>(119) INQ. – Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? INF. – Coração. /'kɔɾasãw/</p>	<p>(091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – É a bandêra. (Risos) /bã'dɛɾɐ/</p>

/k/	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	(080) QFF: (080) INQ. – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer? INF. – Trabalha /tra'baia/	(044) INQ. – ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio? INF. – Abeia. /a'beia/
/j/	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	(050) INQ. – O que é que se pesca nos rios, no mar? INF. – Pêxe /peʃi/

Fonte: Projeto ALiMA

Tabela 18 - Informante MA 1.3.

CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
MA1.3	FII - 63anos	EF	Masculino

FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
/t/	(04) INQ. – ... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...? INF. – Televisão /televi'zãw/	(65) INQ. – O que é que vem depois do treze? INF. – Catoze. /ka'tozi/	(77) INQ. – Qual é o contrário de pouco? INF. – Muito (risos) /'mũitu/
/d/	(64) INQ. – O que é que vem depois do nove? INF. – Deiz. /'deiz/	(91) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – Bandeira brasileira. /bã'deira/	(60) INQ. – ... o dia que vem depois de sexta-feira? INF. – Sábado. /'sabadu/
/tʃ/	(31)	(06)	(55)

	<p>INQ. – O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu _____?</p> <p>INF. – Tio. /ˈtʃiʊ /</p>	<p>INQ. – Uma pessoa lhe conta um fato que você /o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você/o(a) senhor(a) diz que é uma _____?</p> <p>I _____ INF. – Mentira /mɪˈtʃiɾɐ/</p>	<p>INQ. – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?</p> <p>INF. – Noite. /ˈnoitʃi/</p>
/dʒ/	<p>(056)</p> <p>INQ. – E depois da noite, o que é que vem?</p> <p>INF. – O dia. /ˈdʒiɐ /</p>	<p>(050)</p> <p>Q. – Quando não se acha uma coisa, ela fica _____?</p> <p>I _____ INF. – Perdida. /ˈpɛrdʒidɐ/</p>	<p>(138)</p> <p>INQ. – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?</p> <p>INF – Doido. /ˈdoɪdu/</p>
/R/	<p>(062)</p> <p>INQ. – Qual o contrário de cedo?</p> <p>INF. – Tarde. /ˈtardʒi /</p>	<p>(065)</p> <p>INQ. – O que vem depois do treze?</p> <p>INF. – Catorze. /kaˈtoɾzi/</p>	<p>(053)</p> <p>INQ. – Qual é o contrário de entrar?</p> <p>INF. – Sai. /saˈi/</p>
/ɾ/	<p>(008)</p> <p>INQ. – ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?</p> <p>INF. – Travisêiru /traviˈseru/</p>	<p>(019)</p> <p>INQ. – Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?</p> <p>F. – Rins... Coração. /ˈkoraʃãw/</p>	<p>(091)</p> <p>INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?</p> <p>INF. – Bandeira brasileira /bãˈdeɾɐ/</p>
/ʎ/	<p>Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemplem esse quesito.</p>	<p>(080)</p> <p>QFF: (080)</p> <p>INQ. – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?</p> <p>INF. – Trabalha /trabaˈʎa/</p>	<p>(044)</p> <p>INQ. – ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?</p> <p>INF. – Abelha. /aˈbeʎɐ/</p>
/j/	<p>Para efeito desta</p>	<p>Para efeito desta dissertação, não foi</p>	<p>(050)</p>

	dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	observado no QFF palavras que contemple esse quesito.	INQ. – O que é que se pesca nos rios, no mar? INF. – Pêxi. /peʃi/
--	--	---	--

Fonte: Projeto ALiMA

Tabela 19 - Informante MA 1.4.

CÓDIGO DO INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA/ IDADE	ESCOLARIDADE	SEXO
MA1.4	FII-55 anos	EF	Feminino

FONEMA	INÍCIO	MEIO	FINAL
/t/	(004) INQ. – ... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...? INF. – Televisão. /televi'sãw/	(065) INQ. – O que é que vem depois do treze? INF. – Catorze. /ka'torzi/	(077) INQ. – Qual é o contrário de pouco? INF. – Muito. /mũjtũ/
/d/	(064) INQ. – O que é que vem depois do nove? INF. – Dez. /'deiz/	(091) INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? INF. – Bandêra. /bã'dera/	(060) INQ. – ... o dia que vem depois de sexta-feira? INF. – Sábado. /'sabadu/
/tʃ/	(131) INQ. – O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu _____? INF. – Tio. /'tʃiu /	(106) INQ. – Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____? INF. – Mentira. /mĩ'tʃire/	(055) INQ. – Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____? INF. – Noite. /'noitʃi/
/dʒ/	(056) INQ. – E depois da noite, o que é que vem? INF. – Dia. /'dʒiɐ /	(150) INQ. – Quando não se acha uma coisa, ela fica _____? INF. – Perdida. /'pɛrdʒidɐ/	(138) INQ. – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício? INF. – Doido. /'doidu/

/R/	<p>(062)</p> <p>INQ. – Qual o contrário de cedo</p> <p>INF. – Tarde. /ˈtardʒi/</p>	<p>(065)</p> <p>INQ. – O que vem depois do treze?</p> <p>INF. – Catorze. /kaˈtorzi/</p>	<p>(153)</p> <p>INQ. – Qual é o contrário de entrar?</p> <p>INF. – Sair. /sair/</p>
/r/	<p>(008)</p> <p>INQ. – ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?</p> <p>INF. – Travisêru /traviˈseru/</p>	<p>(119)</p> <p>INQ. – Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?</p> <p>INF. – Coração. /ˈkorasãw/</p>	<p>(091)</p> <p>INQ. – ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco?</p> <p>INF. – Bandêra. /bãˈdɛrɐ/</p>
/ʁ/	<p>Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.</p>	<p>(080)</p> <p>QFF: (080)</p> <p>INQ. – Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?</p> <p>INF. – Trabaia /traˈbaia/</p>	<p>(044)</p> <p>INQ. – ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio?</p> <p>INF. – Abelha. /aˈbeʎɐ/</p>
/ʃ/	<p>Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.</p>	<p>Para efeito desta dissertação, não foi observado no QFF palavras que contemple esse quesito.</p>	<p>(050)</p> <p>INQ. – O que é que se pesca nos rios, no mar?</p> <p>INF. – Pêxe /peʃi/</p>

Fonte: Projeto ALiMA

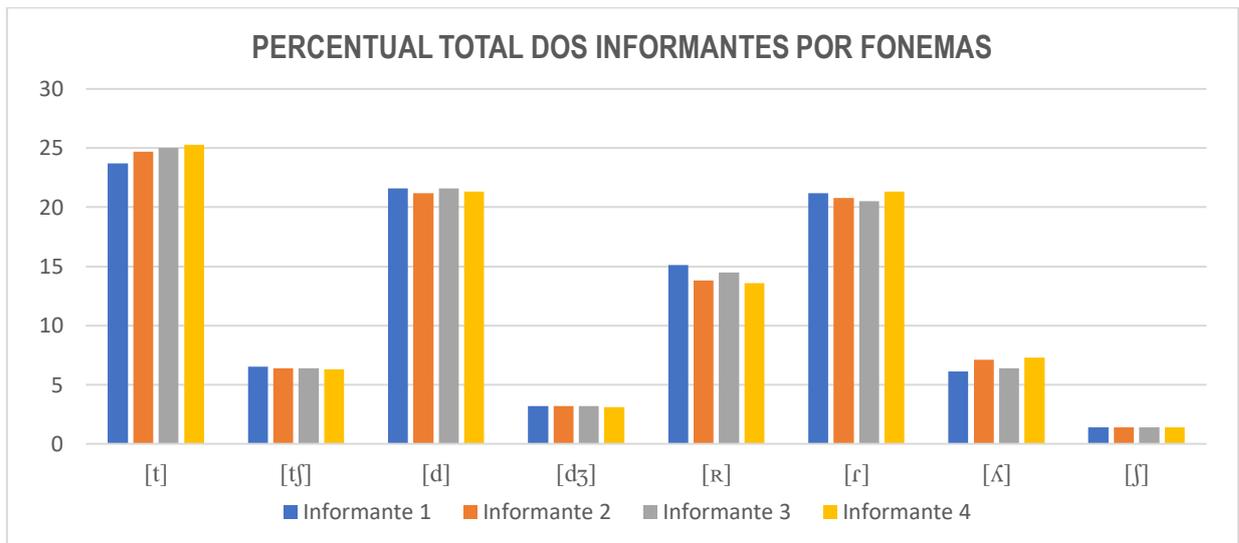
A seguir discutiremos os achados encontrados na coleta dos dados.

6 DISCUSSÃO

6.1 ANÁLISE DOS DADOS

As análises dos dados foram baseadas nas rodadas do Programa Goldvarb X. No gráfico 1, pode-se observar o percentual total dos fenômenos por informante. Observa-se, assim, que em quase todos os contextos de resposta pretendida pelo inquiridor, no momento da aplicação do questionário QFF-ALiMA, os informantes foram capazes de realizar o contexto fonético ao qual se pretendia chegar. Houve para o fonema /t/ na fala do informante 1, o que corresponde a uma diferença de 4 pontos em relação ao total. Isso mostra que esse informante não fez a realização desejada no momento em que o inquiridor do ALiMA lançou a pergunta, deixando, então, de responder os quesitos questionados. Para os alofones /tʃ/ e /dʒ/, para os fonemas /d/ e /ʃ/ e para o arquifonema /R/, todos os informantes conseguiram responder a todas as questões. Já para os fonemas /r/ e /ʁ/, houve pequena diferença no percentual, pois os informantes deixaram de responder aos quesitos.

Gráfico 1 - Percentual total dos informantes por fonemas

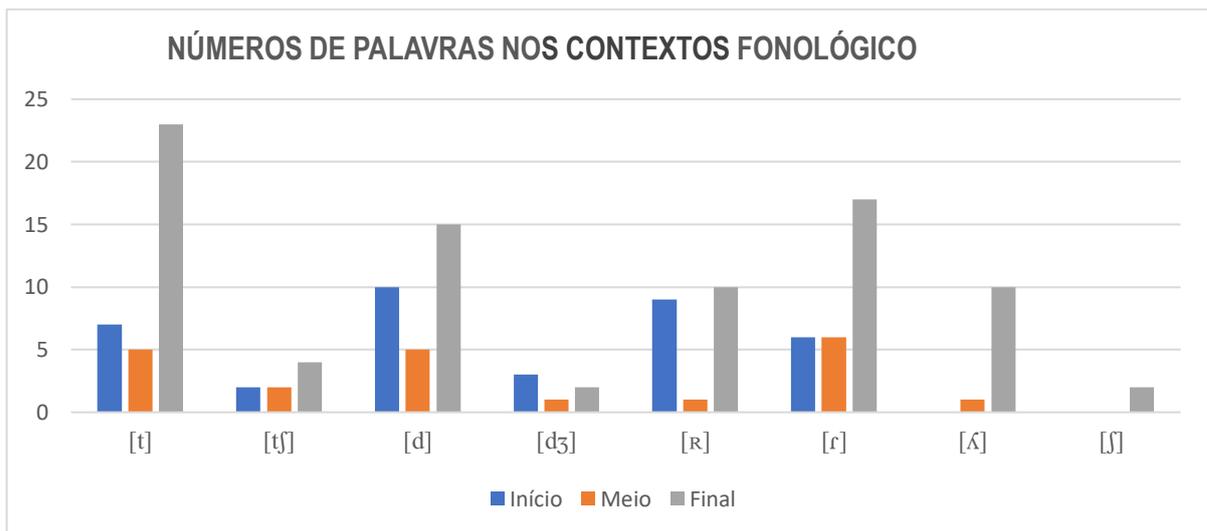


Fonte: A autora (2019).

No gráfico 2, pode-se observar o número de palavras, de acordo com os contextos fonológicos – início, meio e final das palavras –, em que os fenômenos ocorreram. Observa-se que o maior número de ocorrências está nas palavras onde há fenômenos no contexto fonológico final para todos os fonemas analisados. Em

relação ao fonema /ʎ/, não há ocorrência no contexto fonológico inicial, e para o fonema /ʃ/, não há ocorrência nos contextos fonológicos inicial e medial. O número de palavras em todos os fenômenos analisados – início, meio e final – nesta pesquisa cumpre rigorosamente a contagem no QFF- ALiMA. O gráfico 2 mostra a quantidade de palavras que estão inseridas no QFF-ALiMA, considerando os contextos /

Gráfico 2 - Número de palavras nos contextos fonológicos (início, meio e final de palavra).



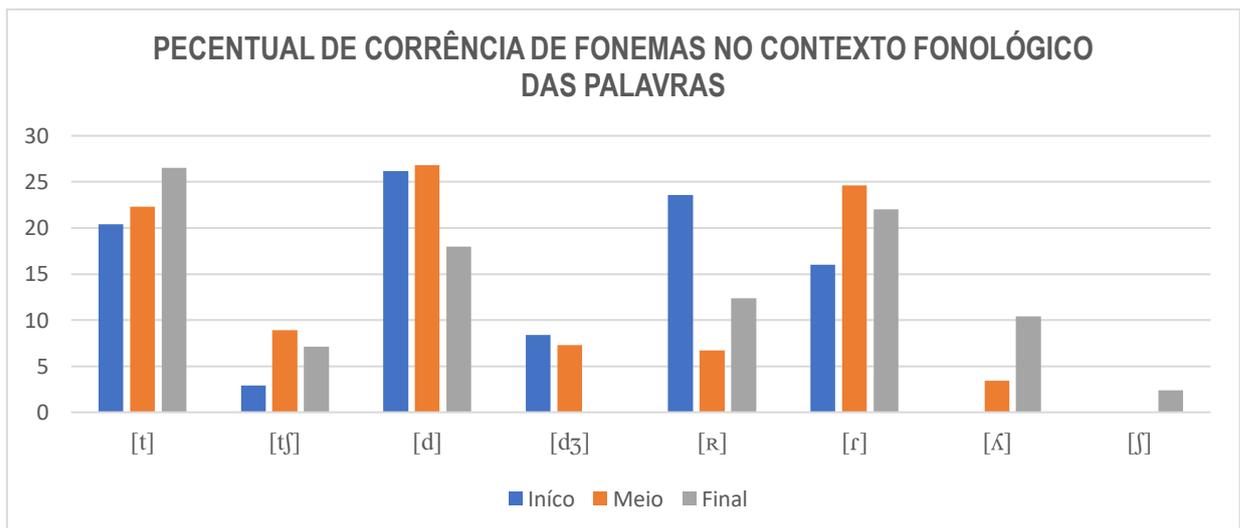
Fonte: A autora (2019).

No gráfico 3, pode-se observar o percentual de ocorrências dos fenômenos no início, meio e final da palavra. Para o alofone /dʒ/, em relação ao contexto fonológico final, não houve realização por parte dos informantes. Para os fonemas /ʎ/ e /ʃ/, como já mencionado anteriormente, não existe no QFF- ALiMA nenhuma pergunta que remeta à sua realização no início da palavra. Ainda sobre o fonema /ʃ/, não existe no contexto fonológico medial nenhuma pergunta do QFF-ALiMA que remeta a essa realização. Comparando-se o gráfico 2 com o gráfico 3, depreende-se:

- a) O maior número de palavras (gráfico 2) acontece no contexto fonológico final, com exceção do alofone /dʒ/;
- b) Em relação ao percentual de ocorrência dos fenômenos (gráfico 3), o contexto fonológico final foi baixo em relação à quantidade de palavras, pois, nesse caso, em todos os contextos fonológicos analisados os dados sofreram *knockout* (nocaute), ou seja, quando há nocaute, segundo Guy e Zilles (2007), a realização do processamento final e,

consequentemente, a identificação da regra variável fica impedida de ser interpretada. Porém, para efeito desta dissertação, o que se observa é que em relação à posição dos fonemas existem muitas palavras que no contexto fonológico –início, meio e final – são repetidas para dois ou mais fenômenos linguísticos, como, por exemplo, a palavra *perdida*, que apresenta o fonema /d/ no meio e no final da palavra, ficando, assim, tanto para os contextos fonológicos medial quanto final. Além disso, esse fonema, a depender da realização do informante, transforma-se em alofone /d₃/, para o contexto fonológico meio da palavra. Em relação aos alofones /tʃ/ e /d₃/, todas as palavras, nos três contextos fonológicos propostos, fazem parte da pesquisa fonética para os fonemas /t/ e /d/. Esses e outros casos podem ser observados tanto no Instrumento de Análise quanto na lista de palavras.

Gráfico 3 - Percentual de ocorrência dos fonemas no contexto fonológico das palavras.

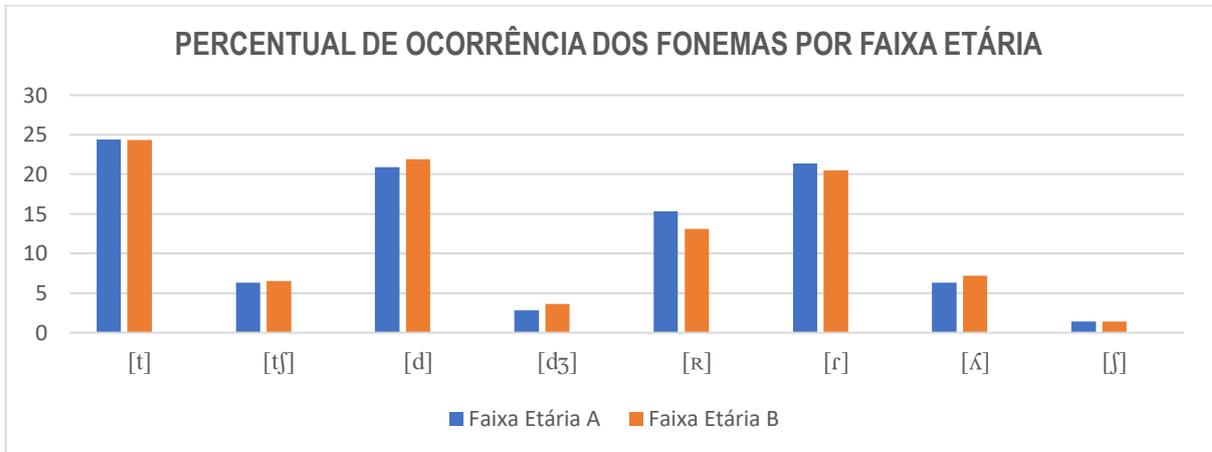


Fonte: A autora (2019).

Sobre o percentual de ocorrência dos fenômenos por faixa etária, verificou-se que em relação à faixa etária A – que corresponde aos informantes de primeira faixa etária, de 18 a 30 anos – e a faixa etária B – que corresponde aos informantes de segunda faixa etária, de 50 a 65 anos – houve pequena variação em relação ao arquifonema /R/ e ao fonema /r/. Os informantes da faixa etária A realizaram um maior percentual em relação aos informantes de faixa etária B; quanto ao fonema /ʎ/, o maior

percentual de realização foi entre os informantes da faixa etária B. Para os fonemas /t/, /d/ e /ʃ/, e também para os alofones /tʃ/ e /dʒ/, os valores percentuais não sofreram alteração relevante para ambos os sexos.

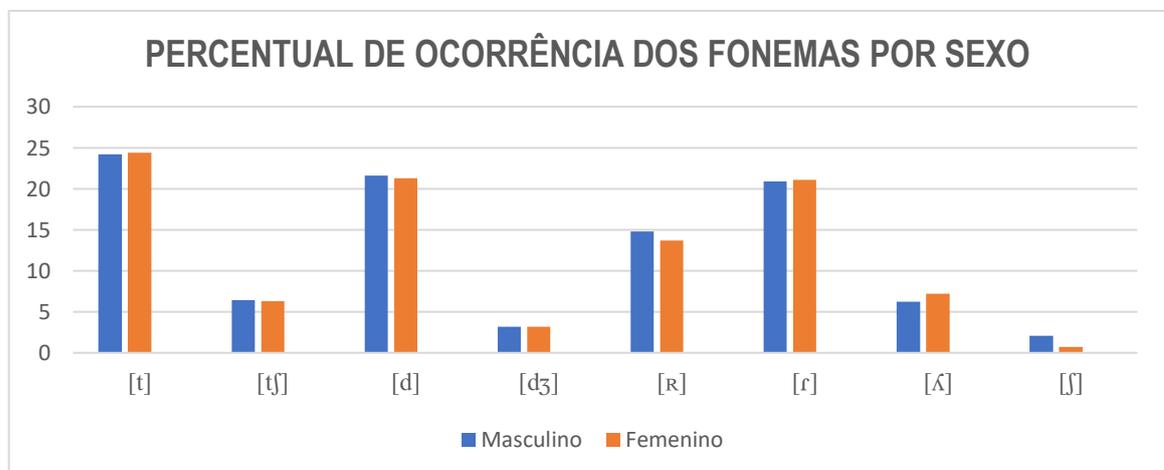
Gráfico 4 - Percentual de ocorrência dos fonemas por faixa etária.



Fonte: A autora (2019).

Para o percentual de ocorrência dos fonemas em relação ao sexo, o arquifonema /R / e o fonema /ʃ/ predominaram para o sexo masculino. Já para o sexo feminino, o percentual maior foi o do fonema /ʌ/. Para os fonemas /t/, /d/, /r/ e para os alofones /tʃ/ e /dʒ/, o percentual entre os sexos foi igual. Os dados podem ser observados no gráfico 5.

Gráfico 5 - Percentual de ocorrência dos fonemas por sexo.



Fonte: A autora (2019).

6.2 SUGESTÃO PARA INSTRUMENTO DE ANÁLISE BASEADO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

A avaliação clínica é uma das etapas do processo da atuação fonoaudiológica e pressupõe o conhecimento e o uso de uma série de ferramentas e técnicas, especificamente ligadas à comunicação humana e seus aspectos constituintes (GOULART E CHIARI, 2007).

A esse respeito, Santos *et al.* (2009) destacam

[...] a importância de a Fonoaudiologia possuir instrumentos de avaliação fidedignos que possam estabelecer, de forma prática e eficiente, as alterações da linguagem apresentadas pelos pacientes. Estes itens são imprescindíveis para o correto diagnóstico do distúrbio, levando assim a um tratamento mais eficaz, diminuindo o tempo de permanência do paciente na clínica e melhorando, desta forma, o seu prognóstico. No entanto, é importante não esquecer que a simples realização de um teste não exime a necessidade de um especialista bem informado e que seja capaz de emitir um bom parecer clínico, a partir da interpretação dos dados coletados na avaliação (SANTOS *et al.*, 2009).

Para a aplicação do Instrumento de Análise ora proposto, voltado para a avaliação fonológica em crianças, adultos e idosos no ambiente clínico fonoaudiológico, é necessário que se cumpra cinco etapas:

1) Utilização da nomeação de figuras, respeitando a sequência das 152 palavras sugeridas e representando as mesmas utilizadas naquelas dispostas no QFF-ALiMA, balanceadas foneticamente e selecionadas de acordo com o contexto fonológico ao qual são inseridas em relação aos fonemas /t/, /d/, /r/, /k/, /ʃ/, os alofones /tʃ/, /dʒ/ e o arquifonema /R/, no Início-Meio-Final das palavras que também fazem parte desta pesquisa.

2) Realização da transcrição fonética das palavras em uma tabela predefinida, obedecendo o quadro de transcrição fonética proposto nesta dissertação.

3) Marcação de positivo ou negativo na folha de resposta em relação ao contexto fonológico correspondente à posição inicial, posição medial e posição final na palavra.

4) Discriminar a idade cronológica típica/normal do fonema, independentemente do contexto fonológico. Trata-se, portanto, da fase de aquisição dos fonemas em análise.

5) Classificar os processos fonológicos (YAVAS, HERNANDORENA e LAMPRECHT, 1991; MOTA, 2001) encontrados na transcrição fonética.

A seguir, apresentamos o Instrumento de Análise.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE

Nome: _____

Data de nascimento ____/____/____ Idade _____

Data da Avaliação ____/____/____ Data da Reavaliação ____/____/____

Horário _____

PI – Posição Inicial PM – Posição Medial PF – Posição Final
FA- Fase de Aquisição

FONE	PALAVRA	TRANSCRIÇÃO	PI	PM	PF	FA	PROCESSO FONOLÓGICO
/t/	Televisão						
	Teia						
	Tarde						
	Três						
	Terreno						
	Travesseiro						
	Tio						
	Catorze						
	Estrada						
	Mentira						
	Prateleira						
	Aftosa						
	Tomate						
	Botar						
	Bonito						
	Planta						
	Montar						
	Borboleta						
	Rato						
	Elefante						
	Noite						
	Bicicleta						
Muito							

	Liquidação							
	Sandália							
	Perdida							
	Doido							
	Tarde							
	Sábado							
	Fazenda							
	Remando							
	Vidro							
	Obrigado							
	Soldado							
	Pecado							
	Perdão							
	Ferida							
	Dormindo							
	Perdida							
	Hóspede							
	Esquerdo							
/d3/	Dia							
	Desmaio							
	Advogado							
	Perdida							
	Tarde							
	Hóspede							
	Árvore							
	Borboleta							
	Pernambucano							
	Certo							
	Perdão							
	Perfume							
	Dormindo							

/ r /	Ferida								
	Barulho								
	Tesoura								
	Travesseiro								
	Prateleira								
	Torneira								
	Fósforo								
	Pólvora								
	Peneira								
	Abóbora								
	Árvore								
	Número								
	Vidro								
	Seguro								
	Bandeira								
	Companheiro								
	Mentira								
	Coroa								
	Loura								
	Trabalhador								
	Grelha								
	Abelha								
	Olho								
	Orelha								

[]	Mulher									
	Velho									
	Braguilha									
	Barulho									
	Colher									
	Trabalhar									
[]	Fecha									
	Peixe									

Fonte: A autora (2019).

Tabela 20 - Lista de palavras do Instrumento de Análise.

FONEMA	POSIÇÃO INICIAL	POSIÇÃO MEDIAL	POSIÇÃO FINAL
/t/	televisão – teia – Tarde – três – terreno – travesseiro – tio.	Catorze – estrada – mentira – prateleira – aftosa.	Tomate – botar – bonito – planta – montar – borboleta – rato – elefante – noite – bicicleta – muito – prefeito – questão – inocente – certo – dente – peito – costas – vômito – alta – presente – encontrar – perguntar.
/tʃ/	Tio.	Mentira – prateleira.	Tomate – noite – dente – presente.
/d/	Dia – dez – desvio – deve – defesa – dente – desmaio – doido – dormindo. Advogado	Bandeira – soldado – liquidação – sandália – perdida	Tarde – sábado – fazenda – remando – vidro – obrigado – soldado – pecado – perdão – ferida – doido – dormindo – perdida – hóspede – esquerdo.
/dʒ/	Dia – desmaio – advogado.	Perdida.	tarde – hóspede.
/R/	Árvore – borboleta – pernambucano – certo – perdão – perfume – dormindo – perguntar – tarde.	Catorze – esquerdo.	Liquidificador – botar – montar – calor – trabalhador – rasgar – mulher – beijar – encontrar – perguntar – sair.
/r/	Prateleira – travesseiro – três – Brasil – braguilha – presente.	Elétrico – obrigado – emprego – orelha – coração – ferida – barulho.	Tesoura – travesseiro – prateleira – torneira – fósforo – pólvora – peneira – abóbora -

			árvore – número – vidro – seguro – bandeira – companheiro – mentira – coroa – loura- encontrar.
/s/		Trabalhador.	Grelha – abelha – olho – orelha – mulher – velho – braguiha – barulho – colher – trabalhar.
/j/			fecha – peixe.

Fonte: A autora (2019).

Assim, segue as considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do estudo, ratificamos a grande importância dos pressupostos da Linguística, em seus níveis tanto fonético quanto fonológico e que por sua vez formaram a base desta pesquisa, juntamente com os profissionais de Fonoaudiologia. Observamos que por meio do viés fonético e fonológico o Fonoaudiólogo poderá lançar mão de investigações sobre o inventário linguístico dos pacientes, necessitando, portanto, compreender os conceitos linguísticos embrincados em contextos que envolvem falantes naturais das línguas. Para efeito desta pesquisa, consideramos falantes de São Luís, capital do Estado do Maranhão, e nos subsidiamos teoricamente a partir de assuntos relacionados tanto com a Fonoaudiologia quanto com a Linguística, além de temas que pontuam a interseção entre as duas ciências. Em linhas gerais, pudemos concluir, a partir do referencial teórico, que:

a) Os processos fonológicos são naturais e independem do contexto em que o falante está inserido. Em caso de paciente que será submetido a avaliação fonoaudiológica, o profissional deverá ter em mente a idade cronológica do paciente, respeitando sua capacidade neurológica para a realização do som;

b) O contexto familiar é decisivo na captação dos sons por parte da criança. Esta irá “imitar” principalmente a fala dos pais ou pessoas bem mais próximas. Assim, para efeito desta pesquisa, consideramos que é pela fala dos pais que as crianças irão moldar seu repertório linguístico ao longo da fase de aquisição da linguagem;

c) Os conceitos de mudança aparente e mudança no tempo real, bem como a influência do contexto familiar no desenvolvimento da linguagem, contribuem para que a criança imersa em uma comunidade de fala em desenvolvimento linguístico possa apresentar traços linguísticos, ainda que na fase dos processos fonológicos, de falantes mais jovens e falantes mais velhos, que para efeito desta pesquisa elencamos na faixa etária A (18 a 30 anos) e na faixa etária B (50 a 65 anos);

d) Os desvios fonológicos ou desvios fonológicos evolutivos se manifestam quando a idade cronológica da criança não está compatível com seu desenvolvimento linguístico. Para que isso ocorra, é necessário um comprometimento no nível dos órgãos da fala, não necessariamente com comprometimento neurológico ou cognitivo, o que irá nortear a estratégia para a terapia fonoaudiológica;

e) A atuação profissional da autora do trabalho ocorre em São Luís - MA, com pacientes nas mais diversas faixas etárias e entre ambos os sexos. Por essa razão, tornou-se de suma importância conhecer o comportamento linguístico da comunidade na qual o profissional da área de fonoaudiologia atua, para melhor compreender o comportamento linguístico de seus pacientes, não correndo o risco de classificar como patológico algo que é uma variação linguística daquela localidade. Assim afirmamos que, a depender do padrão articulatório, um paciente poderá, também, conforme sua posição social ou profissional, realizar junto ao fonoaudiólogo um ajuste articulatório com compensações fonéticas em fonoterapias para aquele padrão desejado.

Outrossim, a partir da análise dos dados, pudemos concluir que:

i. Em relação ao percentual total dos fenômenos por informante, observamos que houve para o fonema /t/, na fala do informante 1, diferença de 4 pontos em relação ao total. Isso mostra que esse informante não fez a realização desejada no momento em que o inquiridor do ALiMA lançou a pergunta. Para os alofones /tʃ/ e /dʒ/, para os fonemas /d/ e /ʃ/ e para o arquifonema /R/, todos os informantes conseguiram responder a todas as questões. Já para os fonemas /r/ e /ʁ/, houve pequena diferença percentual, pois o informante não fez a realização desejada no momento em que o inquiridor do ALiMA lançou a pergunta.

ii. Em relação ao número de palavras no contexto fonológico início, meio e final, verificamos que o maior número de ocorrências se deu em palavras onde há fenômenos no contexto fonológico final para todos os fonemas analisados;

iii. Sobre a ocorrência dos fenômenos no início, meio e final das palavras, pudemos observar que o alofone /dʒ/, em relação ao contexto fonológico final, informante não fez a realização desejada no momento em que o inquiridor do ALiMA lançou a pergunta; para os fonemas /ʁ/ e /ʃ/; o contexto fonológico final foi baixo em relação à quantidade de palavras, pois, neste caso, em todos os contextos fonológicos analisados, os dados sofreram *knockout* (nocaute), e quando há nocaute, segundo Guy e Zilles (2007), a realização do processamento final e conseqüentemente a identificação da regra variável fica impedida de ser interpretada. Porém para efeito desta pesquisa, o que se observa é que em relação à posição dos fonemas existem muitas palavras que no contexto fonológico (início, meio e final) são repetidas para dois ou mais fenômenos linguísticos;

iv. Em relação ao percentual de ocorrência dos fenômenos por faixa etária, constatamos que houve pequena variação em relação ao arquifonema /R/ e ao fonema /r/; os informantes de faixa etária A realizaram o maior percentual em relação aos informantes de faixa etária B. Quanto ao fonema /ʎ/, o maior percentual de realização foi entre os informantes da faixa etária B. Já para os fonemas /t/, /d/ e /ʃ/ e também para os alofones /tʃ/ e /dʒ/, os valores percentuais não sofreram alteração relevante por faixa etária.

v. Para o percentual de ocorrência dos fenômenos linguísticos em relação ao sexo, o arquifonema /R/ e o fonema /ʃ/ obtiveram maior número de ocorrência para o sexo masculino. Já para o sexo feminino, o percentual maior foi o do fonema /ʎ/. Para os fonemas /t/, /d/, /r/ e para os alofones /tʃ/ e /dʒ/ o percentual entre os sexos não sofreu alteração.

Diante do exposto, entendemos ser oportuno enfatizar que este assunto não se encerra nesta pesquisa, pois entendemos que com tantas crianças que necessitam de acompanhamento fonoaudiológico e com tanto referencial teórico a que podemos ter acesso, os trabalhos de pesquisa precisam continuar. Assim, compreendemos que esta pesquisa não se encerra em si mesma, ao contrário, pode servir de mola propulsora para que outros estudos sejam feitos. Quanto aos caminhos que podem ser trilhados nessa busca por informação da área em foco, podemos citar, dentre tantas possibilidades, as seguintes: relacionar a Fonoaudiologia, em relação aos achados clínicos, com a Teoria dos Traços e a Geometria dos Traços; relacionar os achados da clínica diária com a análise acústica da fala, subtraindo, assim, aspecto do comum por faixa etária, nível social, sexo e idade entre os falantes do Maranhão; analisar os processos fonológicos, à luz da análise acústica, sobre os processos fonológicos; analisar falantes em idade escolar, utilizando o Goldvarb X, ferramenta que se propõe a analisar dados em larga escala etc. Portanto, não colocaremos um ponto final neste trabalho, mas sim (e apenas) uma pausa, ou, metaforicamente falando, faremos um “pouso provisório”, para que futuramente possamos melhor analisar os efeitos da pesquisa e avançarmos ante a realidade investigada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. F.; BEFFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW, **Teste de Linguagem Infantil nas áreas da fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. Barueri, SP: Pró-Fono, 2004.

BAUMAN-WAENGLER. J. Desenvolvimento fonológico. *In*: LOWE, Robert J. **Fonologia, avaliação e intervenção**: aplicações na patologia da fala. Trad. Marcos A.G. Domingues. – Porto Alegre: Artes Médica, 1996, p.33.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 2. ed. (rev. e ampl.). São Paulo: Editora Nacional, 1970.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAGLIARI, L. C. Aspectos metodológicos da fonética e da fonologia. *In*: GONÇALVES, A. V.; Góis, M. L. (Orgs.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico? v. 1, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 65-87.

_____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese (livre-docência) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1981.

CALVET, L-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad.: Marcos Marcionilo, São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, D. P. **Fonologia da língua portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

CARVALHO, I. A. M.; ALVAREZ, A.; CAETANO, A. L. **Perfil de habilidades fonológicas**: manual. São Paulo: Via Lettera; 1998.

CERVI, T.; KESKE-SOARES, M.; DRUGG, A. M. S. Implicações do discurso parental no desvio fonológico. **Estudo de psicologia**. Campinas 33(4), out – dez, 2016, p. 689-697.

COSTA, A. L. P. **Fonética e fonologia**. Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro: UCB, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **História da fonoaudiologia**. Disponível em: <https://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/index.php/historia-da-fonoaudiologia/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA. **O que é a fonoaudiologia?** 2016. Disponível em: <http://www.fonosp.org.br/crfa-2a-regiao/fonoaudiologia/o-que-e-a-fonoaudiologia/>. Acesso em: 13 out. 2016.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELLOTA, M. E. Linguística. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15-30.

CURVELO- MATOS, Heloísa Reis. **Topônimos Maranhenses**: testemunhos de um passado ainda presente. São Luís: Foto Edgar, 2015.

FERRANTE C.; BORSEL, J. V.; PEREIRA, M. M. B. **Análise dos processos fonológicos em crianças com desenvolvimento fonológico normal**. Ver. Soc. Bras. Fonoaudiol. 2009;14(1):36-40.

FREIRE, Regina Maria. **Fonoaudiologia e linguística**: modos de interpretação da linguagem. Revista de Psycholinguistics on the threshold of the year, 2000, p. 627-630.

GIACCHINI, V., MOTA, H. B., MEZZOMO, C. L. Diferentes modelos de terapia fonoaudiológica nos casos de simplificação do onset complexo com alongamento compensatório. **Revista CEFAC**. 2011 Jan-Fev; 13(1):57-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n1/a07v13n1>. Acesso em: 13 out. 2016.

GOULART, B. N. G. de.; CHIARI, B. M. Prevalência de desordens de fala em escolares e fatores associados. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 41, n. 5, out. 2007.

GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para conhecer aquisição de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

GUY, G. R, ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERNADORENA, C. L. M. Distúrbios no desenvolvimento fonológico: a relevância do traço [coronal]. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, 1995, jul/dez, n. 29, p. 69-75.

HORA, D. (Org.) **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

_____, D.; VOGLEY, A. C. E. Sobre a fonologia, aquisição fonológica, os desvios fonológicos e a interface entre linguística e a fonoaudiologia. *In*: MONTENEGRO, A. C. A; BARROS, I. B. R; AZEVEDO, N. P.S. (org.). **Fonoaudiologia e linguística**: teoria e prática. – 1. ed. Curitiba: Appris, 2016. p. 13-24.

INGRAM, D. **Phonological disability in children**. London: Whurr Publishers Limited. 1976.

ISSLER, S. **Articulação e linguagem**: avaliação, diagnóstico, metodologias para a terapia das dislalias. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.

LAMPRECHT, R. R. **Aquisição da fonologia do português na faixa dos 2:9 – 5:5**. Letras de Hoje. 1993;28(2):107-17.

_____. **Aquisição da Linguagem**: questões e análises. POA: EdiPUCRS. 1999.

LOWE, R. J. **Fonologia: avaliação e intervenção** - aplicações na patologia da fala. Trad.: Marcos A. G. D. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEWIS B A, FREEBAIRN L, HANSEN M, TAYLOR H G, IYENGAR S, SHRIBERG L D. **Family pedigrees of children with suspected childhood apraxia of speech**. J Commun Disord. 2004;13(13):15775.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Trad.: Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Sousa. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MENEZES, M. L. N. ADL: **Avaliação do desenvolvimento da linguagem**. São Paulo: Pró-Fono, 2004.

MEZZOMO C. L. *et al.* **O papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos**. Letras de Hoje. 2008; 43(3):15-21.

_____. **A análise acústica como subsídio para a descrição da aquisição do constituinte coda**. Letras de Hoje. 2003;38(2):75-82.

MOLLICA, Maria Cecília. A formação em linguagem. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Linguagem para a formação em letras, educação e fonoaudiologia**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-33.

_____. (org.). **Introdução à sociolinguística variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ. 1992.

MONTENEGRO, A. C. A. **Aquisição do onset complexo C(r) no português: uma abordagem multidimensional**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2012. 134 p. Disponível em <http://www.pgletras.com.br/2012/teses/Tese-Ana-Cristina-Montenegro.pdf>. Acesso em: 13 out. 2016.

_____; TELLES, S.; CARDOSO, W. **A influência da frequência fonológica direcionada à criança na aquisição do onset complexo**. Anais do 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e 1º Congresso Ibero Americano de Fonoaudiologia Salvador-BA, out, 2009. Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/portal/suplementorsbfa>. Acesso em: 13 out. 2016.

_____; COSTA, T. L. S. **Desvio fonético x desvio fonológico: algumas considerações**. Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia, v. 5, n. 21, 2004, p. 258-63.

MOTA, H. B. **Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

_____. **Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Porto Alegre (RS), 1996.

_____. Fonologia: intervenção. In: Ferreira L. P., Befi-lobes D. M., Lomongi, S. C. O. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca; 2004. p. 787-814.

_____. **Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços**. Letras de Hoje, 1998; 32: 23-47.

_____. **Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no tratamento de crianças com desvios fonológicos**. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, J. T. N.; OLIVEIRA, Z. S. B. Desvio fonético X Desvio fonológico: algumas considerações. **Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia**, 2004. 5(20): 172-176.

PAGLIARIN, K. C.; KESKE-SOARES, M; MOTA, H. **Terapia fonológica em irmãos com diferentes graus de gravidade do desvio fonológico**. Rev. CEFAC. 2009;11(1):20-4.

PAIVA, M. C. de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, M. C.; JÚNIOR, F. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____; SCHERRE, M. M. P. **Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL**. D.E. L.T.A., 15 Especial, 1999, p. 201-232.

PAPP, A. C. C. S.; WERTZNER, H. F. O aspecto familiar e o transtorno fonológico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri - São Paulo, 18(2), 151-160. 2006.

_____. **Um estudo sobre a relação do aspecto familiar e o distúrbio fonológico**. São Paulo, SP, 90 p. Dissertação de Mestrado em Semiótica e Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2003.

PEDROSA J.; LUCENA, R. M.; Fonologia estruturalista. In: HORA, D. da; MATZENAUER, C. L. (org.) **Fonologias, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p.15-29.

PEÑA-CASANOVA J. **Manual de fonoaudiologia**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PEREIRA, A. S.; KESKE-SOARES, M. Significação parental acerca do desvio fonológico. **Psicologia em estudo. Maringá**, v. 14, n.4, p. 787-795, out-dez. 2009.

RAMOS, C. M. A. *et al.* O atlas linguístico do Maranhão: os caminhos do português falado no Maranhão. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005, p. 251-284.

RIBAS L. P. **Onset complexo nos desvios fonológicos: descrições, implicações para a teoria, contribuições para a terapia.** 2006, 140 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. **Onset complexo: características da aquisição.** Letras de Hoje. 2003;38(2):23-31.

RIGATTI-SCHERER, A .P. O papel das variáveis linguísticas na realização do rótico em falantes de regiões de imigração alemã. **EntreVer**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 170-182, jul./dez. 2013. Disponível em: incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/view/3350/4042. Acesso em: 13 out. 2016.

ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editora, 2016.

SANKOFF, G. A. Apparent Time and Real Time. In: BROWN, K. (ed). **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics.** 2 edition. (Article Number: LALI 01179). Elsevier, 2006.

SANTOS, K. W et al. **Validação do Protocolo de Avaliação Fonológica Infantil: estudo preliminar.** 2009. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/anais/sial/2011/src/28.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** Org.: Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio a edição brasileira de: Issac Nicolau Salum; [trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paez, Izidório Blikstein]. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 1857-1913 [2012].

SEARA, I. C. *et al.* **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Fonética e fonologia do português brasileiro.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português.** São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 2012, 275 p.

_____. Fonética e fonologia: perspectivas complementares. **Estudos da linguagem.** Vitória da Conquista-BA, n. 3, jun., 2006, p. 25-40. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/33/67>. Acesso em: 13 out. 2016.

SILVA, F. M. da. **Processos fonológicos segmentais da língua portuguesa.** Departamento de Letras. Universidade Federal do Maranhão. Litera Online, <http://bit.ly/revistalittera>, nº 04, 2011. p. 72-88.

SOUZA, L. B. R. **Fonoaudiologia fundamental.** Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**, São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M. A. Mudança em dois períodos do século XX: inter-relacionando análise em tempo aparente. **Alfa**, São Paulo, 55(2): 393-421, 2011.

VOGELEY, A. C. E.; COLARES, V. As variações linguística e a terapia fonoaudiológica: o discurso escrito em uma dimensão sociocultural. **Revista Ciências, Humanidades e Letras**. Ano 9, n. 1, jan-jun, 2005, p. 36-46. Disponível em: www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=3008. Acesso em: 13 out. 2016.

WEBER, D. E. *et al.* Desenvolvimento do Sistema Fonológico de Gêmeos Monozigóticos com Desvio Fonológico: Correlação a Fatores Genéticos e Ambientais. **Revista CEFAC**. 9(1), 32-9.2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WERTZNER, A. F. Fonologia: Desenvolvimento e Alterações. In: Ferreira, L. P., BEFI-LOPES, D. M. & Limongi, S. C. O. (Orgs.), **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Rocca, 2004, p. 772-786.

_____. **O distúrbio fonológico em crianças falantes do português: descrição e medidas de severidade** [livre docência]. São Paulo (SP): Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2002.

_____; PAPP, A. C. C. S.; GALEA, D. E. S. Provas de nomeação e imitação como instrumentos de diagnóstico do transtorno fonológico. **Pró-Fono**. 2006;18(3):303-12.

_____; PAGAN, GALEA, D. E. S & PAPP, A. C. C. S. (2007). **Características fonológicas de crianças com transtorno fonológico com e sem histórico de otite média**. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 12(1), 41-47.

YAVAS, M. HERNANDORENA, C. L. M. LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ANEXO

ALFABETO FONÉTICO A SER USADO PARA O ALiB/ALiMA

Atualizado em junho/2016

SOM	CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO	TRANSCRIÇÃO
p	Oclusiva, oral, bilabial, surda (ou desvozeada)	papa	[ˈpape]
b	Oclusiva, oral, bilabial, sonora (ou vozeada)	bata	[ˈbate]
t	Oclusiva, oral, dental, surda	taba, tia	[ˈtabe], [ˈtiɐ]
tʃ	Africada, oral, palatal, surda	tia	[ˈtʃiɐ]
d	Oclusiva, oral, dental, sonora	dedo, dia	[ˈdedu], [ˈdiɐ]
dʒ	Africada, oral, palatal, sonora	dia	[ˈdʒiɐ]
k	Oclusiva, oral, velar, surda	casa	[ˈkaze]
g	Oclusiva, oral, velar, sonora	gata	[ˈgate]
f	Fricativa, oral, labiodental, surda	face	[ˈfakɐ]
v	Fricativa, oral, labiodental, sonora	vaca	[ˈvake]
s	Fricativa, oral, alveolar, surda	sala	[ˈsale]
z	Fricativa, oral, alveolar, sonora	zero	[ˈzeru]
ʃ	Fricativa, oral, palato-alveolar, surda	chuva	[ˈʃuve]
ʒ	Fricativa, oral, palato-alveolar, sonora	gente	[ˈʒɛti]
x	Fricativa, oral, velar surda/sonoro	carro, mar, rua, corta	[ˈkaxu], [ˈmax], [ˈxue], [ˈkoʃte]
ɣ	Fricativa, oral, uvular, sonora	carro, corda	[ˈkaɣu], [ˈkoɣde]
l	Lateral, oral, alveolar, sonora	lata	[ˈlate]
ɫ	Lateral, oral, velarizada, sonora	sul ¹	[ˈsuɫ]
ʎ	Lateral, oral, (médio) – palatal, sonoro	malha	[ˈmaʎɐ]
m	Oclusiva, nasal, bilabial, sonora	mula	[ˈmulɐ]
n	Oclusiva, nasal, alveolar, sonora	nata	[ˈnate]
ɲ	Oclusiva, nasal, (médio) - palatal, sonora	minha	[ˈmɨɲɐ]
ɲʲ	Oclusiva, nasal, palatalizada, sonora	início	[iˈnʲisiw]
ɾ	Vibrante, oral, alveolar, sonora	cara	[ˈkare]
r	Vibrante, oral, múltipla, alveolar, sonora	carro, mar, rua	[ˈkaru], [ˈmar], [ˈruɐ]
a	Vogal oral, central, baixa, aberta	ala	[ˈalɐ]
ɑ	Vogal oral, posterior, baixa, aberta	camada	[kaˈmɑde]
ɐ	Vogal oral, central, média, aberta	monta	[ˈmõte]

ẽ	Vogal nasal, central, baixa, aberta	manta, camada	[¹ mãtɐ], [kɛ ¹ made]
e	Vogal oral, anterior, média, aberta	ela	[¹ elɐ]
e	Vogal oral, anterior, média, fechada	ele	[¹ eli]
ẽ	Vogal nasal, anterior, média, fechada	então	[ɛ ¹ tãw]
i	Vogal oral, anterior ou palatal, alta, fechada	ira	[¹ irɐ]
ɪ	Vogal oral, anterior ou palatal, semifechada	ele	[¹ eli]
ĩ	Vogal nasal, anterior ou palatal, alta, fechada	cinco	[¹ šĩku]
o	Vogal oral, posterior ou velar, média, fechada	ovo	[¹ ovu]
õ	Vogal nasal, posterior ou velar, média, fechada	conta	[¹ kõtɐ]
ɔ	Vogal oral, posterior ou velar, média, aberta	ora	[¹ ɔrɐ]
u	Vogal oral, posterior ou velar, alta, fechada	uva	[¹ uvɐ]
u	Vogal oral, posterior ou velar, alta, semifechada	olho	[¹ oʎu]
ũ	Vogal nasal, posterior ou velar, fechada	nunca	[¹ nũkɐ]
j	Semivogal oral, palatal ou anterior, alta	pai	[¹ paɲ]
w	Semivogal oral, posterior ou velar, alta	pau, azul, sul	[¹ paw], [a ¹ zuw], [¹ suw]
ʃ	Semivogal nasal, palatal ou anterior, alta	lenha	[¹ lɛʃɐ] [¹ lɛʃɲɐ]
ɰ	Semivogal nasal, posterior ou velar, alta	pão	[¹ pɛɰ]

ATENÇÃO:

¹ Na realização do vocábulo *sul* pode ocorrer, além da semivocalização [¹suw], o apagamento